

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

DANIEL VEIGA MIRANDA

PRAÇA RUI BARBOSA: UMA PROPOSTA DE MODERNIZAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2017

DANIEL VEIGA MIRANDA

PRAÇA RUI BARBOSA: UMA PROPOSTA DE MODERNIZAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I do Curso Superior de Arquitetura e Urbanismo do Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo - DEAAU - da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadoras: Prof. Dra. Marcia Keiko Ono Adriazola & Prof. Thais Saboia Martins

CURITIBA

2017



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Curitiba - Sede Ecoville
Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo
Curso de Arquitetura e Urbanismo

TERMO DE APROVAÇÃO

PRAÇA RUI BARBOSA: UMA PROPOSTA DE MODERNIZAÇÃO

Por

DANIEL VEIGA MIRANDA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 20 de novembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Rodolfo Sastre
UNIVERSIDADE POSITIVO

Prof. Rafaela Fortunato
UTFPR

Prof. Karina Pimentel
UTFPR

Prof. Thais Martins (orientadora)
UTFPR

Dedico esta pesquisa à todos aqueles que acreditam no Urbanismo e Paisagismo como um instrumento e técnica capazes de organizar, orientar, condicionar e melhorar a habitação, integração e convívio da população humana em meio à sociedade e natureza.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e meus pais, Antonio H. Miranda e Margareth B. Veiga por incondicionalmente me darem suporte, acreditarem e confiarem no meu potencial, capacidade, responsabilidade e por estarem sempre presentes provendo-me dos meios estruturantes ao longo da minha extensa jornada acadêmica. Aos meus irmãos, minha madrinha e demais familiares, que por meio de uma palavra ou atitude de incentivo confortaram-me nos momentos mais árduos e difíceis.

Agradeço à Universidade Tecnológica Federal do Paraná, que tem sido meu segundo lar desde meu ingresso em 2006 como aluno do curso Técnico-Integrado em Gestão de Pequenas e Médias Empresas, até então, como bacharel em Arquitetura e Urbanismo. Desfrutando de uma infraestrutura de qualidade, tive a oportunidade de absorver e compartilhar parte do vasto conhecimento de grandes mestres e doutores, que através de muito empenho e energia, tentaram sempre fazer a diferença, através de atividades alternativas e interativas, oficinas, visitas técnicas e viagens.

Como parte integrante da minha formação, deixo aqui minha imensa gratidão à universidade norte-americana University of Illinois at Chicago (UIC), por ter me aceitado e acolhido durante minha participação no programa de intercâmbio, durante um ano e meio. Nos Estados Unidos, bem além do enriquecimento educacional adquirido, desenvolvi uma paixão pelas tradições, cultura e estilo de vida, assim como fiz grandes amigos. Esse intercâmbio não seria possível sem o financiamento do Governo Federal a quem também deixo meu sincero agradecimento.

Deixo aqui um sincero agradecimento à Giovanna Cruzato, Giovana Spanhol, Giovanna Marrone, Priscila Câmara, José Luiz Costa, Evandro Santiago, Anjelica Hope, e tantos outros amigos cuja presença e apoio, colaboraram e me motivaram a seguir adiante durante estes cinco anos acadêmicos e em especial, com o Trabalho de Conclusão de Curso. Por último, registro aqui a minha gratidão à minha orientadora, a sempre doce e gentil Prof. Márcia Keiko Ono Adriazola, que acreditou no meu projeto, dando suporte e me aconselhando a desenvolver uma pesquisa cada vez mais completa e coerente.

"In a Society becoming steadily more privatized with private homes, cars, computers, offices and shopping centers, the public component of our lives is disappearing. It is more and more important to make the cities inviting, so we can meet our fellow citizens face to face and experience directly through our senses. Public life in good quality public spaces is an important part of a democratic life and a full life.."

"Numa sociedade ficando consistentemente mais privatizada com casas particulares, carros, computadores, escritórios e shoppings, o componente público das nossas vidas está desaparecendo. É cada vez mais importante fazer as cidades serem convidativas, para que assim nós possamos encontrar nossos queridos cidadãos cara a cara e ter uma experiência diretamente através de nossos sentidos. A vida em espaços públicos de boa qualidade é uma parte importante de uma vida democrática e completa"

(GEHL, Jan. Life Between Buildings: Using Public Space, 1971. Tradução: autor).

RESUMO

MIRANDA, Daniel Veiga. Praça Rui Barbosa: Uma Proposta de Revitalização. 2017. 132 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

Pesquisa que busca demonstrar a importância e poder que o urbanismo e o paisagismo, aliados ao projeto arquitetônico, tem a contribuir para a vitalidade e melhoramento dos espaços públicos brasileiros, apresentando como objeto do presente estudo a Praça Rui Barbosa, em Curitiba, no Paraná. Esta praça é tida como um forte símbolo representativo da história, cultura, transporte e comércio popular da cidade de Curitiba, mas se encontra numa situação de subutilização, descaracterização, degradação e insegurança mesmo tendo condições de propiciar entretenimento, lazer e boas memórias para a região. O objetivo desta pesquisa é buscar dados, analisá-los e compreendê-los através de uma bibliografia ampla, como as atividades, a ocupação e a atual caracterização da praça podem ser aperfeiçoadas de maneira a trazer um novo público, e um novo leque de atividades que sejam condizentes com as novas necessidades da população. Foram realizados mapeamentos, medições e análises *in situ*, observando as características diárias de utilização e ocupação, assim como entrevistas com o público alvo da pesquisa. Os resultados alcançados demonstram que de fato, a Praça Rui Barbosa não atende satisfatoriamente a todas as características inerentes a uma praça, e que os próprios usuários gostariam de ver a área modernizada e com maior atratividade e apelo. A verificação desta resultância, somada aos estudos de caso e, sobretudo das condições atuais da praça possibilitam a proposição de diretrizes projetuais de forma a estabelecer a desobstrução e renovação de uso para a Rua da Cidadania, preservando e mantendo-se seus pontos fortes. Para a área aberta da praça, será proposto um paisagismo mais vibrante, dinâmico e adequado às atividades e fluxo dos transeuntes, assim como a melhoria dos mobiliários urbanos.

Palavras-chave: Modernização; Espaço Público; Praça; Urbanismo; Paisagismo.

ABSTRACT

MIRANDA, Daniel Veiga. Rui Barbosa Square: A Revitalization Propose. 2017. 132 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

This thesis seeks to demonstrate the significance and influence that urbanism and landscaping, as well as architectural design, contribute to the vitality and improvement of public spaces, this study specifically focuses on Rui Barbosa square in Curitiba, Paraná. Rui Barbosa- although a powerful representation of Curitiba's rich culture, and strong history in transport and popular trade- finds itself in a situation of mischaracterization, under use, deterioration, and unreliability; which undermine the core purposes of providing entertainment, recreation and good memories for the region of the plaza. The goal of this thesis is to gather and analyze data from an extensive bibliography so as to explore how the activities, the occupation, and the current characterization of the square can be improved on, thereby bringing in new audiences and a wider range of activities that correspond with the changing needs of the population. Mappings were conducted, measurements and *on-site* analysis, which observe the characteristics of daily usage and occupation, as well as interviews with the target audience. From the gathered data, results show that Rui Barbosa square not only fails to meet the characteristics inherent in a square, but also fails to reach the same modern standards that the city itself. The proof of these results, in addition to the case studies-in particular of the current conditions of the square -make possible the proposition of this project in order to establish guidelines for the clearing and renewal of Rua da Cidadania, thereby preserving and maintaining its strengths. To the open area of the square, this thesis proposes a more vibrant and dynamic landscaping along with improvement of urban furnishings, making it suitable for all possible activities, as well as improve the flow for passers-by.

Keywords: Modernization; Public Space; Square; Urbanism; Landscaping.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Praça do Campidoglio, em Roma	21
Figura 2– Gravura do Fórum Romano	21
Figura 3- Retrato de uma Praça Medieval	21
Figura 4 - Basílica di Santa Croce, Itália	23
Figura 5– Largo do Pelourinho, Salvador.....	23
Figura 6- Passeio Público, Curitiba	25
Figura 7- Praça Oswaldo Cruz, Centro	25
Figura 8- Praça General Osório, Curitiba.....	26
Figura 9– Praça da Espanha, Curitiba	26
Figura 10– Tipologias de praças em espaços urbanos (Krier’s Urban Spaces ..	27
Figura 11– Ilustração do Jardim do Éden, de Jan Brueghel (1615).....	30
Figura 12– Jardins Paisagens Ingleses, Daniel Katz	31
Figura 13– Ilustração da flora do Ipê Amarelo	35
Figura 14– Ilustração da flora da Pata-de-vaca	36
Figura 15– Ilustração da flora da Quaresmeira.....	36
Figura 16– Ilustração dos frutos da pitangueira	37
Figura 17– Ilustração das flores do Manacá-da-serra.....	37
Figura 18 - Ilustração de Bancos em Praças Públicas.....	39
Figura 19 - Brinquedos em Praças Públicas	40
Figura 20 - Ilustração de Aparelhos de Academia ao Ar Livre	41
Figura 21 - Grades e Muros	41
Figura 22 - Septos e Cercas Vivas.....	41
Figura 23 - – Ilustração de Ponto de Dimensionamento de Árvore	43
Figura 24 Ponto de Ônibus	43
Figura 25 - – Ilustração de Quiosque e Banca de Jornal e Revistas	44
Figura 26 - Dimensionamentos de Calçadas	45
Figura 27 - O “homem do gás” no final do século XIX	46
Figura 28 - Iluminação Noturna na Idade Média	46
Figura 29 - Representação do aumento na eficiência luminosa das luminárias .	48

Figura 30 - Propostas de iluminação para locais com intensa arborização	49
Figura 31 – Critérios de Distribuição de Equipamentos de Iluminação Pública..	49
Figura 32 - Iluminação Decorativa Amarela para Árvore	50
Figura 33 - Iluminação Decorativa Colorida para Árvores	50
Figura 34 - Iluminação em Área Molhada	51
Figura 35 - Rua 24 Horas nos Primeiros Anos Desde a sua Inauguração	52
Figura 36 - Galerias abandonadas na Rua 24 Horas.....	53
Figura 37 - Rua 24 Horas Após Revitalização	55
Figura 38 - Contexto Físico do Projeto.....	56
Figura 39 - Basketbar in Utrecht, Netherlands	57
Figura 40 - Restaurante/Bar.....	57
Figura 41 - Quadra de basquete acima do bar	58
Figura 42 - MASP no Contexto da Avenida Paulista.....	59
Figura 43 - Estrutura de Sustentação do MASP	60
Figura 44 - Vão Livre na Visão do Observador	60
Figura 45 - Planta do 1º Pavimento.....	61
Figura 46 - Planta do 2º Pavimento	61
Figura 47 - Praça Seca do MASP	62
Figura 48 - Volumetria dos Edifícios Comerciais e/ou Residenciais	81
Figura 49 – Corte Longitudinal do Terreno da Praça Rui Barbosa	86

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Quartel do 6º. Regimento de Artilharia na Praça da República em 1906	66
Fotografia 2 - Hospital Militar no século XIX	67
Fotografia 3 - Atividades da Praça Rui Barbosa até final dos anos 1950	68
Fotografia 4 - Comércio Ambulante da Praça Rui Barbosa	69
Fotografia 5 - Feiras da Praça Rui Barbosa	70
Fotografia 6 - Concentração de Árvores e Vegetação na Praça Rui Barbosa	72
Fotografia 7 - Estado de Deteriorização das Árvores na Praça Rui Barbosa	74
Fotografia 8 - Degradação do Calçamento em Petit-Pavê na Praça Rui Barbosa	85
Fotografia 9 - Canteiro e calçamento degradados pelas raízes da árvore	85
Fotografia 10 - Lixos Espalhados pelos Canteiros da Praça Rui Barbosa.....	90
Fotografia 11 - Usuários Sentados nos Canteiros Devido à Ausência de Assentos.....	92
Fotografia 12 - Luxímetro Utilizado para o Experimento	94
Fotografia 13 - Luxímetro vista posterior.....	94
Fotografia 14 - Realizando Medições.....	95
Fotografia 15 - Pontos de Ônibus	98
Fotografia 16 - Luz Proveniente das Bancas de Jornal e Comércio Local	99
Fotografia 17 - Arborização e Espaços de Convivência	100
Fotografia 18 - Bancos mal iluminados	100
Fotografia 19 - Vista de cima da Praça Eufrásio Correia	101
Fotografia 20 - Estação tubo em frente à Praça Eufrásio Correia	102
Fotografia 21 - Postes de Luz e Monumento	102
Fotografia 22 - Iluminação Inadequada e Bloqueada	103
Fotografia 23 - Rua da Cidadania em Chamas.....	104
Fotografia 24 - Estragos causados pelo incêndio	104
Fotografia 25 - Queda de Árvore na Praça Rui Barbosa	105
Fotografia 26 - Homem Degolado na Praça Rui Barbosa.....	105

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Potencial Local e de Público	14
Mapa 2 - Planta da Rua 24 Horas	54
Mapa 3 - Mapa da Cidade e do bairro Centro em Curitiba, Paraná, Brasil	64
Mapa 4 - Setor da Praça Rui Barbosa	65
Mapa 5 - Concentração de Árvores e Gramados na Praça Rui Barbosa	73
Mapa 6 - Fluxo de Veículos das Ruas que Permeiam a Praça Rui Barbosa	75
Mapa 7 - Mapeamento das Funções Socioeconômicas da Praça Rui Barbosa .	76
Mapa 8 - Mapeamento dos Estabelecimentos Comerciais do Entorno Imediato	77
Mapa 9 - Mapeamento dos Estabelecimentos Comerciais da Rua da Cidadania Matriz.....	78
Mapa 10 - Altimetria dos Edifícios Comerciais e/ou Residenciais	80
Mapa 11 - Nível de Fluxo e Principais Caminhos dos Transeuntes.....	82
Mapa 12 - Tipos de Piso da Praça e do Entorno Imediato.....	84
Mapa 13 - Curvas de nível do Terreno da Praça em Planta	86
Mapa 14 - Bancas de Jornal, Floresiras, Canteiros e Chafariz Desativado da Praça Rui Barbosa	87
Mapa 15 - Tipos de Lixeiras da Praça.....	89
Mapa 16 - Bancos e Pontos de Ônibus da Praça Rui Barbosa	91
Mapa 17 - Equipamentos de Iluminação da Praça Rui Barbosa.....	93
Mapa 18 - Locais de Medição	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Áreas do Complexo Comercial (Rua da Cidadania da Matriz)	72
Tabela 2 - Área Total da Praça Rui Barbosa	72
Tabela 3 - Descrição das Principais Atividades Comerciais do Entorno e da Rua da Cidadania	80
Tabela 4- Dados obtidos pela utilização do luxímetro eletrônico “Instrutherm” ..	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	12
1.2 PROBLEMAS	12
1.3 HIPÓTESE.....	13
1.4 JUSTIFICATIVAS	13
1.5 OBJETIVOS GERAIS	15
1.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
1.7 MÉTODOS DE PESQUISA	16
1.7.1 Pesquisa Exploratória.....	16
1.7.2 Procedimentos Técnicos	16
1.7.3 Estudo da Área de Interesse	17
2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA.....	17
2.1 ESPAÇOS PÚBLICOS, SEMI-PÚBLICOS E PRIVADOS	17
2.1.1. Definição em relação à Praça Rui Barbosa	19
2.1.2 Relevância da Natureza destes Espaços	20
2.2 PRAÇAS	20
2.2.1 Histórico e Definição	20
2.2.2 Praças no Brasil.....	22
2.2.3 Tipologias de Praças	24
2.2.3.1 Relativo a Elementos Físicos	24
2.2.3.2 Relativo à Morfologia	26
2.3 INTERVENÇÃO URBANA	28
2.4 RENOVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO URBANA	29
2.5 PAISAGISMO	30
2.5.1 Definição e História.....	30
2.5.2 Paisagismo e o Status Social	32
2.5.3 Paisagismo como Ferramenta Social, Ambiental e Tecnológica.....	32

2.5.4 Arborização de Espaços Públicos e Praças	33
2.6 MOBILIÁRIOS/ EQUIPAMENTOS URBANOS.....	37
2.6.1 Tipos de Mobiliários Urbanos	38
2.6.2 Função e Dimensão dos Mobiliários.....	38
2.7 LUZ/ ILUMINAÇÃO PÚBLICA	45
2.7.1 Histórico.....	45
2.7.2 Importância e Eficiência.....	47
2.7.3 Iluminação Noturna.....	48
2.7.4 Potencial Estético	49
3. ESTUDOS DE CASO.....	52
3.1 RUA 24 HORAS	52
3.2 BASKETBAR NL ARCHITECTS.....	56
3.3 MASP – MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO	59
4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	64
4.1 LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA RUI BARBOSA.....	64
4.2 HISTÓRIA DA PRAÇA RUI BARBOSA.....	65
4.2.1 Função e Ocupação na Praça Rui Barbosa	66
4.2.2 Comércio e seus Problemas na Praça Rui Barbosa	68
4.3 CARACTERIZAÇÃO DA PRAÇA	71
4.3.1 Estatística da Praça Rui Barbosa	71
4.3.2 Análise de Fluxos de Veículos da Praça Rui Barbosa e Entorno	75
4.3.3 Funções Socioeconômicas da Praça Rui Barbosa.....	76
4.3.4 Tipos de Estabelecimentos Instalados na Praça Rui Barbosa	77
4.3.5 Altimetria e Volumetria da Praça Rui Barbosa e Entorno Imediato	80
4.3.6 Fluxo de Pedestres na Praça Rui Barbosa e Entorno Imediato	82
4.3.7 Pavimentação	84
4.3.8 Corte e Topografia da Praça Rui Barbosa.....	86
4.3.9 Mobiliário Urbano.....	87
4.4 ILUMINAÇÃO	93

4.4.1 Experimento, Contextualização e Crítica.....	94
4.5 INSEGURANÇA E MEDO	103
4.6 ENTREVISTAS	106
5. DIRETRIZES PROJETUAIS	108
6 PROPOSTA.....	110
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
8. REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICE A – PRANCHAS DO PROJETO.....	118

1 INTRODUÇÃO

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A temática a ser investigada, desenvolvida e analisada neste presente estudo, refere-se à uma intervenção de caráter urbano e paisagístico focado nas potencialidades culturais, sociais, de entretenimento, econômicas e de segurança da cidade de Curitiba, no estado do Paraná. O local de abrangência e extensão deste projeto será especificamente na área central da cidade, na Praça Rui Barbosa.

A pesquisa levará em consideração o histórico dos últimos cinco anos até o presente momento como base de dados para a compreensão do contexto local e social. O público alvo serão os usuários da Praça Rui Barbosa, comerciantes locais, estudantes do entorno imediato, transeuntes das áreas centrais e de bairros vizinhos que passam pela praça ou se utilizam dos serviços e comércio local.

1.2 PROBLEMAS

A problemática abordada será de como a área onde se encontra a praça, bem como a praça em si, poderão ser alteradas a fim de se obter um maior apelo e alcance em termos de atrativos físicos e culturais, de lazer, da vinda de um novo público alvo, da implantação de novas atividades comerciais, de uma melhoria em fluxo, assim como a tentativa em melhorar a percepção individual do espaço e, através de intervenções, tentar diminuir a sensação de violência e o medo, que poderiam ser combatidos ou ao menos minimizados por intermédio de uma revitalização e paisagismo na área contemplada.

A Praça Rui Barbosa tem uma história de quase cem anos e por consequência, sua funcionalidade tem sofrido várias alterações ao longo dos anos. Algumas delas trouxeram certa descaracterização ao seu uso original, assim como trouxeram também uma má ocupação da área contemplada pela mesma.

Atualmente, as atividades vinculadas à Praça Rui Barbosa atendem muito

aquilo que o termo “praça” implica. Seu amplo espaço é subutilizado, degradado e marcado por medo e insegurança para os seus usuários.

1.3 HIPÓTESE

A utilização da praça, segundo a hipótese aqui apresentada, é de que os usuários da região tendem a percorrer, circular e utilizar do transporte público mais do que permanecer, e este fato caracteriza a praça como sendo uma área de transição. O fundamento desta modernização é especificamente alterar este cenário, e estimular a permanência e uso dos equipamentos a serem propostos.

1.4 JUSTIFICATIVAS

A importância desta pesquisa se dá pelos benefícios sociais, culturais e econômicos que poderão ser alcançados por meio de uma renovação estrutural desta área. Segundo o artigo “Desde os anos 70, muito mais que uma praça” escrito pela jornalista e assessora de imprensa da Tribuna do Paraná, Gisele Rech, o perímetro da Praça Rui Barbosa possui cerca de 900 metros e conta com uma área de aproximadamente 22 mil metros quadrados, porém o que denota atenção é o fato de que mais da metade desta área se encontra sem nenhuma utilização e função específica.

A utilização da praça, segundo a hipótese aqui apresentada, é de que os usuários da região tendem a percorrer, circular e utilizar do transporte público mais do que permanecer, e este fato caracteriza a praça como sendo uma área de circulação. O fundamento desta revitalização é justamente alterar este cenário, e estimular a permanência e uso dos equipamentos a serem propostos.

A Praça Rui Barbosa é circunscrita pelas ruas André de Barros, Pedro Ivo, 24 de Maio e Desembargador Westphalen, sendo a última uma das principais vias do centro da capital paranaense. Ademais, os seus inúmeros pontos nodais como as instituições educacionais Curso Positivo, Curso Dom Bosco, Curso Acesso, Curso Domínio, Colégio SESC São José, Colégio Bom Jesus, FAE e UTFPR.

De acordo com dados estatísticos constatados no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC, da Secretaria Pública do Estado do Paraná e website oficial da cidade de Curitiba, existem consideráveis índices de homicídios (passionais, por envolvimento e por usuários de drogas, por rixas), lesão corporal sem morte, suicídio, confronto com a polícia, furtos e assaltos, entre outros, na região central da cidade.

Baseando-se nestes dados, torna-se relevante desenvolver um estudo sobre as condições físicas da Praça Rui Barbosa, da situação de degradação e abandono, das condições dos equipamentos públicos, dos índices de iluminação e do nível de segurança apresentado. Em relação à Praça Rui Barbosa, as justificativas em tópicos seriam:

- Necessidade de uma reocupação e maximização do potencial espacial, geográfico, cultural e de entretenimento da praça;
- Falta de integração entre a Praça Rui Barbosa com a Avenida Desembargador Westphalen e, conseqüentemente com o fluxo de pessoas que vem ou vão para a Praça Carlos Gomes;
- Entrada e permanência do público consumidor jovem;
- Estado de degradação e abandono da Praça Rui Barbosa;
- Ausência ou obsolência dos equipamentos urbanos básicos e/ou de iluminação;
- Sensação de medo, insegurança e mal-estar;

1.5 OBJETIVOS GERAIS

O objetivo geral deste projeto é desenvolver um ambiente cuja infraestrutura e atmosfera, proporcionem maior conforto, diversidade, atratividade, vivacidade, lucratividade e segurança aos usuários da Praça Rui Barbosa.

1.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar a necessidade e o tipo de áreas comerciais a serem implantadas na praça;
- Analisar como obter uma maior integração entre a praça e as vias do entorno;
- Pesquisar formas de melhoria das áreas verdes possíveis de serem implementadas no local;
- Levantar as condições dos equipamentos urbanos no local, tais como: estações tubo e pontos de ônibus, lixeiras, bancos, calçadas etc;
- Pesquisar quais atividades podem ser propostas para atrair o público jovem;
- Levantar as condições da iluminação da praça e seu entorno imediato;
- Investigar a necessidade da implantação de postos policiais no perímetro da praça;

1.7 MÉTODOS DE PESQUISA

O método de pesquisa adotado para esta monografia é qualitativo e quantitativo, devendo cumprir os seguintes objetivos listados.

1.7.1 Pesquisa Exploratória

Este método de pesquisa está ligado à reunião de conceitos importantes para a contextualização, entendimento e embasamento para a revitalização da praça. Ocorre através de levantamentos bibliográficos e documentais - livros, artigos, teses, entre outras publicações oficiais.

1.7.2 Procedimentos Técnicos

Foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais sobre os conceitos básicos de urbanismo e paisagismo; um histórico sobre as origens das praças num

Ademais, foram realizados levantamentos *in situ*, a cerca de dados qualitativos relacionados às condições físicas da Praça Rui Barbosa, bem como à sua forma de ocupação espacial, nível de satisfação, expectativas de beneficiamento de seus usuários em caso de ocorrência de uma revitalização e requalificação. Os levantamentos *in situ* foram gerados por meio de entrevistas e questionários ao público alvo da praça e do entorno imediato – transeuntes locais, comerciantes e estudantes usuários dos serviços de transporte público.

1.7.3 Estudo da Área de Interesse

- a. Levantamento cadastral básico (plantas, cortes, elevações);
- b. Análise de entorno;
- c. Análise de condicionantes (zoneamento, topografia, setorização)
- c. Levantamentos fotográficos;
- d. Levantamento iconográfico;
- e. Mapeamento de danos e degradação;

2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

2.1 ESPAÇOS PÚBLICOS, SEMI-PÚBLICOS E PRIVADOS

De acordo com a definição do dicionário de língua portuguesa Michaelis, o termo “público”, possui seu significado relativo a população, ao povo ou a coletividade, a algo que pertence a todas as pessoas. É tido como de natureza pública, aquilo que pode ser feito diante de todos e que é de conhecimento de todos. Por outro lado, o termo “privado” denota a noção daquilo que não tem caráter público, daquilo que pertence a um indivíduo particular, que não é permitido a todos, e que somente um número pequeno de pessoas tem acesso.

A definição de um espaço público é ampla, e pode divergir entre teóricos de

Neto, em seu livro “Introdução ao direito ecológico e ao direito urbanístico: instrumentos jurídicos para um futuro melhor”, 1977, o espaço público no Brasil representa o espaço de socialização da comunidade a que o indivíduo pertence e onde qualquer um pode ver e ser visto, ouvir e ser ouvido. Este espaço é composto pelos denominados “bens públicos” que são aqueles administrados pelo poder do Estado, aos quais o povo tem livre acesso, como por exemplo: mares, rios, estradas, ruas, praças, jardins, parques etc.

Segundo Kevin Lynch, em sua obra “A imagem da Cidade”, 1997, estes espaços passam de fato a ser de natureza pública, uma vez que haja neles uma ocupação, ação e participação popular, e não somente quando utilizados e ocupados ocasionalmente, como forma de conexão ao domínio privado. O autor afirma que os elementos móveis das cidades, isto é, as pessoas e suas inerentes atividades, são tão importantes para a vitalidade da cidade quanto o espaço físico e seus equipamentos.

O professor, arquiteto e urbanista da FAUUSP, Luiz Guilherme Rivera de Castro, em sua pesquisa “Espaços Públicos e Urbanismo Contemporâneo” 2007, compreende “espaços públicos” como as localidades urbanas que, em conjunto com infraestrutura e equipamentos coletivos, dão suporte à vida em comum. A noção deste termo, para Castro, possui suas articulações entrelaçadas com o domínio privado, que é constituído por indivíduos, famílias, comunidades, empresas e corporações.

No que se refere ao espaço privado, Moreira Neto (1977) afirma que tradicionalmente assume-se a idéia de que o ambiente privado é dotado de edificações e áreas construídas, controladas por indivíduos particulares, ou ainda, de que as áreas não públicas se dão através do “fechamento de espaços”, decorrentes a um processo natural de individualização da sociedade moderna. Nas palavras do autor, há uma tendência em se fazer a vida pública existir cada vez mais em espaços fechados e legalmente controlados por instituições privadas, como shopping-centers e complexos comerciais de utilização restrita.

Como explicado por Neto, atualmente vem ocorrendo um processo de decadência e abandono dos espaços públicos pelas camadas sociais de maior poder aquisitivo em função do ócio, do receio e do medo da violência urbana. Ainda, nas palavras da pesquisadora da Universidade de São Paulo, Maria de Lurdes

Nogueira, em sua dissertação de Mestrado “Caracterização dos Espaços Públicos”, 1998:

“ A rua tornou-se um espaço que ninguém quer – as pessoas fogem dos espaços livres por medo da violência urbana e talvez da realidade da miséria” (NOGUEIRA, 1998)

Levando-se em consideração estes fenômenos urbanos modernos em meio ao desenvolvimento das grandes cidades, não por acaso, surge também o que se denomina “espaço semi-público”, numa tentativa de sanar este esvaziamento de espaços públicos. Segundo à perspectiva do Direito brasileiro, o espaço semi-público está associado ao domínio público, mas define-se como sendo a área onde incidem-se intervenções de apropriação privada. É um espaço cuja natureza varia de acordo com sua graduação de acesso e cuja ocupação se dá por atividades de cunho social, no qual suas comunidades locais o tratam como sendo sua propriedade, embora funcione sob as regras e controle de um grupo particular.

2.1.1. Definição em relação à Praça Rui Barbosa

Baseando-se nas definições mencionadas acima, conclui-se então que a Praça Rui Barbosa é um espaço público com algumas atuações de natureza semi-pública. Um bom exemplo desta situação é o Centro Comercial Rui Barbosa, (popularmente conhecido como Rua da Cidadania), onde a administração dos contratos e a fiscalização do complexo de lojas, espaços comerciais e boxes, é de competência da “Urbanização de Curitiba S.A” – URBS, que por sua vez, é uma empresa de economia mista e personalidade jurídica de direito privado.

Observa-se que apesar de existir uma participação de agentes da esfera privada, a praça funciona sob uma dinâmica democrática e socializadora, de forma que seus usuários podem ter acesso irrestrito à infraestrutura e aos equipamentos e edificações de seu perímetro.

2.1.2 Relevância da Natureza destes Espaços

É fundamental para esta pesquisa, entender-se a natureza dos espaços urbanos, em especial da Praça Rui Barbosa, pois seus atributos físicos desempenham uma função social condicionante, e relacionam-se diretamente com a percepção de seus usuários. Como aponta Kevin Lynch (1997), os indivíduos residentes dos espaços urbanos conseguem reconhecer e organizar um ambiente de acordo com o seu desenho, sua definição e integração, sua clareza de comunicação, legibilidade, e principalmente, no entendimento do que é espaço público e o que é espaço privado.

A proposta de modernizar a Praça Rui Barbosa deve ser feita de forma a manter uma comunicação efetiva com seus usuários, estabelecendo limites e formas, de modo a preservar a identidade democrática do espaço, que em seu escopo é de natureza pública. Além disso, é importante se ter em mente a natureza universal que um espaço público implica, em termos funcionais, de versatilidade, adaptabilidade, permeabilidade e de acessibilidade.

2.2 PRAÇAS

2.2.1 Histórico e Definição

Para uma análise mais eficiente do objeto de estudo - a Praça Rui Barbosa - se faz necessária a compreensão geral e também aprofundada do conceito e definição de uma praça. Segundo os autores Fabio Robba e Sílvio Soares Macedo (2002), em sua obra "Praças Brasileiras – *Public Squares in Brazil*", uma praça é caracterizada como sendo um ambiente social, público e urbano, um espaço de celebração, convívio e lazer dos habitantes locais.

Segundo os autores, os espaços livres urbanos preexistentes que hoje vem a se chamar "praças", advêm das adjacências das Igrejas, e ao seu redor, foram concebidos os edifícios públicos, palacetes e comércio, que na época, serviam como local de convivência coletiva da comunidade. Contexto verifica-se como

característica principal das praças, a vitalidade, força cívica e política que estes sítios denotavam. Desde as Ágoras Gregas de Atenas¹, ou dos fóruns romanos², até o período medieval, onde seus propósitos estavam interligados com manifestações populares e/ou religiosas. (ROBBA, FABIO; SOARES MACEDO, SÍLVIO, 2002)

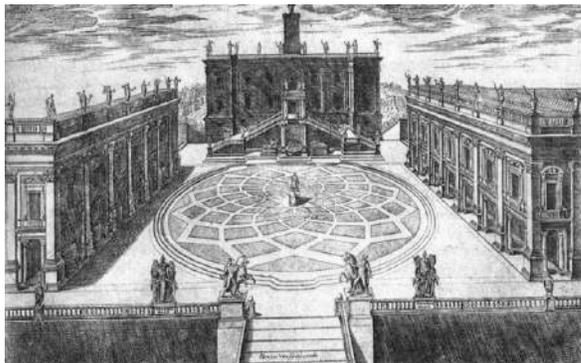


Figura 1- Praça do Campidoglio, em Roma
Fonte:Wikiarquitetura, 2015.



Figura 2– Gravura do Fórum Romano
Fonte:History Rocket, 2015.



Figura 3- Retrato de uma Praça Medieval
Fonte: History Rocket, 2015.

Para o autor Sun Alex (2008), em sua obra “Projeto da Praça, Convívio e Exclusão no Espaço Público”, por exemplo, praças são consideradas vazios entre edificações, aberturas intersticiais ou encontro de caminhos, onde eram realizadas feiras, comemorações, teatros e ritos religiosos.

¹Ágoras Gregas de Atenas: assembleias populares, centros políticos e comerciais onde os atenienses se reuniam para debater seus problemas.

²Fóruns Romanos: pequenos vales, entre as colinas do Palatino e do Capitólio que representavam o centro de poder do Império Romano, onde se discutiam questões políticas, econômicas

No contexto Latino-Americano, por exemplo, baseando-se nos princípios do autor Kevin Lynch (1997) e do autor Sun Alex (2008), define-se praça como sendo “nós” em que os cidadãos estão inseridos, cruzamentos na divisão de componentes físicos, pontos de convergência das vias principais da cidade ou ainda tidas como espaços abertos que se originam da convergência de vias, que são decorrentes do próprio tecido urbano. Por outro lado, Sun Alex (2008) aponta que dentro da realidade norte Americana, as praças apresentam-se como sendo uma localidade voltada para o entretenimento, recreação e lazer, e o contexto periférico e as conexões com o entorno imediato não são relevantes.

Contudo, nota-se que a configuração e ocupação das praças contemporâneas tem se alterado se comparadas à um contexto mais remoto. Estas não se consistem mais por uma única e exclusiva utilização, mas sim por espaços multifuncionais, repletos de espaços para alimentação, cafés, quiosques populares, mercados, feiras ao ar livre, instituições públicas, outras atividades, que em sua totalidade formam o que se entende por praça.

2.2.2 Praças no Brasil

No Brasil, as então denominadas praças não se caracterizam ao contexto europeu medieval e renascentista³. As praças italianas, francesas e espanhólas, estão associadas com uma morfologia caracteristicamente seca, que no Brasil por outro lado, é associada com largos, terreiros e pátios.

Somente alguns poucos espaços coloniais, que resistem até hoje, possuem tal estrutura morfológica como, por exemplo, o Largo do Pelourinho, em Salvador, o Pátio de São Pedro, no Recife, e o Pátio do Colégio, em São Paulo.” (ROBBA, FABIO; SOARES MACEDO, SÍLVIO, 2002)

³Contexto Europeu Medieval e Renascentista: cidades cercadas, fortificadas e espremidas junto à uma igreja ou castelo. Geralmente havia uma pequena praça no meio do vilarejo, que servia como local para festas públicas, feiras e mercados.



Figura 4 - Basílica di Santa Croce, Itália
Fonte: WeVillas.ch, 2017.



Figura 5– Largo do Pelourinho, Salvador
Fonte: Governo Estadual da Bahia, 2017.

Em cidades brasileiras, por exemplo, os locais públicos com área livre entre edifícios, os canteiros centrais de avenidas, jardins junto à alças de acesso a pontes e viadutos, espaços de lazer e destinados ao esporte, ou locais onde se encontram espaços verdes com arborização ou cobertos por gramados, são considerados “praças”.

Segundo Robba, tais conceitos estariam incorretos, pois nestes casos, o que está se denominando “praça” na realidade é o que se chama “jardins urbanos”, isto é, áreas com espaços livres, alta circulação de ar, insolação e sistema de drenagem natural.

Segundo constatado no Art.17, da Lei 6.766/79, da Constituição Federal Brasileira, a praça é um bem de domínio público que deve estar inserida num contexto urbano. Ademais, uma praça constitui-se de um programa social de convívio, lazer, recreação, composta por equipamentos, e, sobretudo, livre de veículos e com acessibilidade aos pedestres do local em que estão implantadas (ROBBA, FABIO; SOARES MACEDO, SÍLVIO, 2002).

Por outro lado, o arquiteto e historiador de arte, austríaco Camillo Sitte, em seu livro *“City Planning According to Artistic Principles”*, explica que em termos de espaços urbanos como as praças públicas, o foco deve ser mais na aparência visual do que em aspectos funcionais. Ele aponta que as praças devem idealmente ter, como critério morfológico e estético:

- Um invólucro ou fechamento, para proteção do espaço;
- Um centro que deve estar livre;

- Monumentos em seu perímetro;
- Existência de elementos de surpresa;
- Fachadas arquitetônicas atrativas;
- Concavidade e pavimento estético;

Por outro lado, outros autores apontam que por definição, uma praça é:

(...)um espaço dotado de símbolos, que carrega o imaginário e o real, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e sócio-culturais.(DIZERÓ apud CRESTANI VIERO VERÔNICA, CARLOS BARBOSA FILHO, LUIZ, 2006)

(...) logradouro público por excelência. Uma praça para reunião de gente e para exercício de atividades diferentes surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana estabelecimentos de prestígio social. Realçava-lhe os edifícios; acolhia os freqüentadores. [...] (MARX, 1980, p. 49-50)

2.2.3 Tipologias de Praças

2.2.3.1 Relativo a Elementos Físicos

- Praça Jardim

Segundo apontado por Robba e Macedo (2002), esta tipologia de praça surge durante o período imperial – Brasil colônia – quando a administração local buscava incorporar elementos e costumes pertencentes aos jardins públicos. Nesta época, a praça jardim era regulamentada por uma série de exigências, com rigorosas normas de conduta e de comportamento impostas aos seus frequentadores. Por consequência, estes usuários eram parte das classes elitistas

privilegiadas e utilizavam estes espaços como artifício para serem vistos vestidos com seus belos trajes.

Atualmente, as praças jardim são os ambientes urbanos em que a circulação, relação e contato dos usuários com a natureza, assim como a adoração das espécies vegetais ocorrem de forma prioritária. Em termos físicos e tipológicos, podem ser fechadas por intermédio de balaustradas, grades ou cercamento – como o Passeio Público e a Praça Oswaldo Cruz, em Curitiba, ou mesmo abertas, cercadas por residências e sedes de comércio.



Figura 6- Passeio Público, Curitiba
Fonte: Guia Turismo Curitiba, 2013.



Figura 7- Praça Oswaldo Cruz, Centro
Fonte: Guia Turismo Curitiba, 2013.

- Praça Seca

São definidos como largos históricos ou ambientes com capacidade para uma alta circulação de pedestres. Nas denominadas praças secas, a presença de vegetações e árvores pode ser mínima ou inexistente. A simbologia, a relação espacial entre volumes de edificações gerados pela arquitetura e seus vazios, geram a escala humana local e são características determinantes nesta tipologia.

- Praça Azul

Considerados os ambientes em que os elementos marcantes e de destaque são os molhados. Estas praças são geralmente compostas por fontes, chafarizes, aspersores de vapor, espelhos de água ou até mesmo espaços com lagos. Alguns belvederes e jardins de várzea possuem esta característica.



Figura 8- Praça General Osório, Curitiba
Fonte: Guia Turismo Curitiba, 2013.



Figura 9– Praça da Espanha, Curitiba
Fonte: Guia Turismo Curitiba, 2013.

- Praça Amarela

Em analogia à cor amarela e à areia, os espaços e calçadas próximos às praias em geral são consideradas praças amarelas.

2.2.3.2 Relativo à Morfologia

Segundo o arquiteto e urbanista Luxemburguês Robert Krier, no que diz respeito à forma espacial de uma praça, é possível se classificar em cinco tipologias básicas:

- Praça Fechada: geralmente possui uma geometria regular e sua única interrupção são as ruas que as permeiam e/ou as direcionam;
- Praça Dominada: a praça é direcionada a um edifício ou um conjunto de edifícios;
- Praça Núcleo: nesta praça existe uma característica central, criadora de uma tensão que mantém o todo integrado;
- Praça Agrupada: praças individuais conectadas de maneira orgânica e/ou esteticamente;
- Praça Amorfa: seu arranjo é desorganizado e sem forma definida quando comparada com outras tipologias;

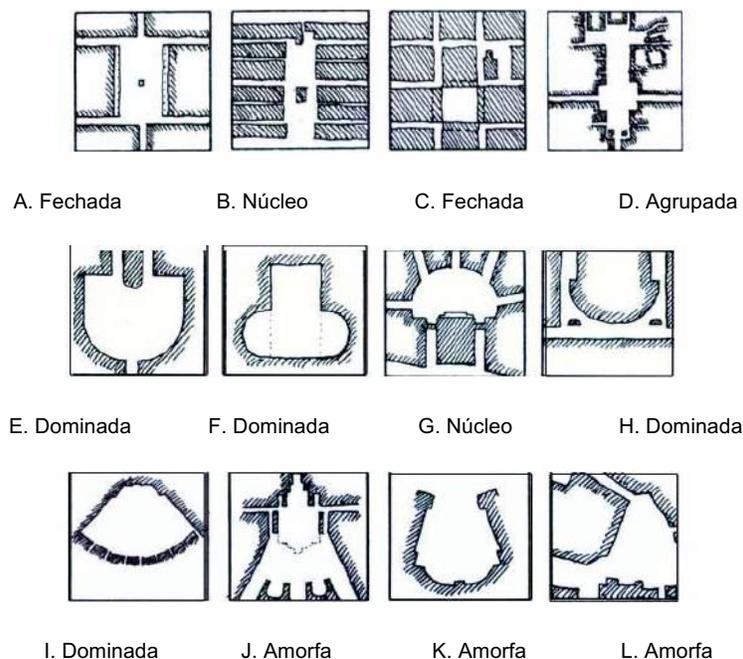


Figura 10– Tipologias de praças em espaços urbanos (Krier's Urban Spaces
Fonte: Robert Krier, 1979.

A Praça Rui Barbosa, em termos físicos, apresenta características de tipologia “seca”, pois é um local com capacidade para uma alta circulação de pedestres, piso de “*petit pavê*” na maioria de sua extensão, e uma relação espacial bem forte entre vazios e cheios. Apresenta também características e elementos da tipologia “jardim”, com árvores e gramados concentrados na porção central e oeste da praça. Já em termos morfológicos, apresenta características do tipo A e C, que é de uma praça fechada e com geometria regular, ângulos ortogonais, como observado pela figura 10 logo acima. Na figura A, por exemplo, é notável que a dimensão da malha da praça, é similar à planta tipo da Praça Rui Barbosa, enquanto que na figura C, a escala e relação de cheios e vazios se assemelham com a disposição e arranjo do complexo comercial na Praça Rui Barbosa.

2.3 INTERVENÇÃO URBANA

A definição do conceito de intervenção urbana está associada com a noção de “revitalização”, e pode sempre alcançar resultados espaciais de naturezas diferenciadas, de acordo com o objetivo em se intervir no espaço pré-existente.

Segundo o autor Kerley Soares de Souza Grosso (2008), em seu livro “Intervenções Urbanísticas como Estratégia para o Desenvolvimento Local e Revalorização da Imagem da Cidade”, atualmente quando se objetiva “intervir” num espaço urbano, a intenção implícita deste ato é a revalorização de uma ou mais áreas. Enfatizando-se as forças e potencialidades paisagísticas do local, esta revalorização ocorre através da utilização de recursos naturais por meio de um desenvolvimento sustentável, da ocupação e requalificação de áreas vazias, da melhoria na mobilidade urbana, e não deve ser feita de forma isolada, mas sim, contínua e integrada.

A intervenção urbana, segundo o autor, pode ter como foco principal a busca pelo restauro e/ou fortalecimento da identidade e caracterização de uma área, assim como a descaracterização desta localidade. Com base no artigo acadêmico “Entendendo o Processo de Requalificação da Paisagem”, produzido pelos autores Aline Maria Marques Bezerra e César Roberto Castro Chaves, da Universidade Superior de Ensino Dom Bosco – UNDB pode-se observar o processo de intervenção urbana com propósito intencional de descaracterização espacial da cidade brasileira de São Luís, no estado do Maranhão. Como apontado pelos autores, a cidade havia sido fundada pelos franceses em 1612, e tomada em 1615 pelos portugueses, que por sua vez, com o objetivo de construir fortificações de defesa, reestruturaram a cidade através de uma geometria mais regular, ruas menos estreitas, e abandonando uma configuração urbana tipicamente francesa.

As mudanças, provocadas por intervenções, podem apresentar um caráter social, contemplativo ou econômico e, portanto, o termo “intervenção urbana” pode ser dividido em “Renovação Urbana” e “Revitalização Urbana”.

2.4 RENOVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO URBANA

Com base nos estudos dos autores Lilian Fessler Vaz e Carmen Beatriz Silveira, 1999, no livro “Áreas Centrais, Projetos Urbanísticos e Vazios Urbanos”, entende-se que o termo “Renovação Urbana” fundamenta-se nos princípios modernistas expressos na carta de Atenas de 1933, onde há uma valorização do novo, desmantelando-se o que era considerado clássico, antiquado ou ultrapassado e, portanto, objetivando-se uma reconstrução e renovação.

No Brasil, entre 1930 e 1970, durante o período da Primeira República, o que se tinha como renovação urbana foi considerado controverso e criticado, pois era relativo a uma higienização e limpeza social. Buscava-se uma cidade bela e “purificada” através da eliminação das localidades e edifícios resididos por populações de baixa renda, bem como da segregação racial. A administração pública passava a atender aos interesses do capital imobiliário, destruindo grandes áreas a fim de oferecer novos usos, e transformá-las em pólos de comércio e serviço, com espaços demarcados por monumentos.

Nos Estados Unidos, por exemplo, no período entre 1800 e 1850, verificou-se um rápido crescimento e densidade populacional, uma melhoria nas tecnologias de transporte, bem como, a desorganização e degradação dos grandes centros urbanos americanos e conseqüentemente emergiram-se deste contexto uma renovação urbana e substituição destas localidades pelos chamados “subúrbios”, como solução. Em contrapartida, nos grandes núcleos urbanos europeus, que por serem vigorosamente carregados de cultura e tradições, e marcadas por devastações oriundas de guerras, as intervenções urbanas tenderam a ter uma natureza mais preventiva e de preservação, e menos voltadas a destruições ou grandes mudanças.

Já em relação ao conceito de Revitalização Urbana, segundo Ermínia Maricato (2000), no livro “A Cidade do Pensamento Único”, revitalizar um local público tem como primazia a recuperação de edificações históricas degradadas ou obsoletas, a reestruturação de áreas subutilizadas e o desenvolvimento de áreas centrais ou comerciais. Para Vaz e Silveira (1999), é inerente à revitalização urbana:

- A produção de espaços de uso comum humanizados;

- A preocupação e interesse com os aspectos socioambientais;
- O aprimoramento das áreas cujo uso é voltado ao entretenimento e lazer;
- Encorajamento a empreendimentos de interesse social e comunitário, como habitações populares;

2.5 PAISAGISMO

2.5.1 Definição e História

De acordo com os preceitos do livro do autor Sun Alex (2008), “Projeto da Praça, Convívio e Exclusão no Espaço Público”, quando se fala sobre a história do “paisagismo”, é comum se vincular o termo com a evolução de jardins e parques, e estes são tidos como instituições independentes, existentes desde os tempos bíblicos (Jardim do Éden) e das civilizações orientais, até os primórdios das cidades ocidentais.



Figura 11– Ilustração do Jardim do Éden, de Jan Brueghel (1615)
Fonte: Wikipédia, 2013.

Segundo o autor, pelo fato deste jardim ser detentor de uma harmonia perfeita e livre dos pecados e males do homem, a civilização deveria tentar usá-lo como parâmetro para a construção da sociedade, pois o retorno a este jardim

significaria uma redenção da humanidade. Nesta lógica, os jardins medievais dos castelos e das abadias deveriam ser preservados, já que também seriam vistos como espaços territoriais de perfeição, cercados pelo caos e desordem inerentes ao conturbado período medieval de guerras e doenças.

Etimologicamente, o termo “paisagismo” deriva-se da palavra francesa “*paysage*”, e tem um sentido mais territorial, de nação e identidade cultural. Por outro lado, baseando-se pela origem histórica inglesa da palavra, o paisagismo surge como uma derivação do termo “*landscape*”, que aparece no dicionário *Oxford English Dictionary* em 1603, significando um conceito fundamentalmente estético, cuja expressão é associada a um estilo de pintura e a uma representação artística do cenário natural terrestre.

Conhecido na língua inglesa como “*landscape architecture*”, o paisagismo teria aparecido na Inglaterra no início do século XVIII, sob a forma de jardins paisagens - *landscape gardens* - e estes, seriam uma reação antagônica ao formalismo e rigidez dos jardins franceses e holandeses. Inicialmente, os denominados “jardins paisagens” ingleses buscavam a reprodução de cenários naturais e românticos de campos e florestas, adaptados a terrenos rugosos e ao clima úmido inglês. Mais tarde, entre 1730 e 1770, devido ao forte desenvolvimento da indústria de tecidos de lã, aliado à substituição dos pequenos cultivos pelas grandes criações de ovelhas, os “jardins paisagens” ingleses ficaram fortemente caracterizados por paisagens pastoris.



Figura 12– Jardins Paisagens Ingleses, Daniel Katz
Fonte: Pinterest, 2015.

É importante notar que no contexto inglês, o termo “paisagismo” e a noção de paisagem estão amarrados fortemente com a idéia de “beleza, sublime e pitoresco”. Para o autor irlandês Edmund Burke (1757) em sua obra “Ideas of the Sublime and Beautiful”, o conceito de “sublime” está ligado à tudo aquilo que é vasto, afastado, obscuro, que produz medo e domínio no observador, já o conceito de beleza, em contrapartida, está conectado à idéia de delicadeza, suavidade, variação gradativa e fluidez linear. Em relação ao que se define como “pitoresco” – picturesque – o termo refere-se à paisagens com caráter cênico e que apresentam variedade, confusão, irregularidade, contraste, surpresa, rusticidade e acidente.

2.5.2 Paisagismo e o Status Social

Conforme Sun (2008) explica, pelo fato de que os jardins ingleses têm sua origem associada à combinação de poesia, pintura, jardinagem e botânica, eles acabam por gerar uma conotação relacionada à riqueza, cultura superior e ao poder, e conseqüentemente o termo fica caracterizado e atrelado a um status social elitista. Isso ocorria porque, segundo o autor, a apreciação da paisagem pitoresca do século XVIII fundamentava-se ao conhecimento prévio da literatura, poesia e pintura, já que a paisagem não existia antes de ser pintada, e, portanto, a aquisição do “bom gosto” para a apreciação da paisagem não decorre somente de uma boa educação, mas também da posição social e da ocupação.

2.5.3 Paisagismo como Ferramenta Social, Ambiental e Tecnológica

Além da significância estética atribuída ao termo, o paisagismo procura apreender o espaço, identificar seus recortes e sua identidade local, considerando aspectos ambientais, morfológicos e históricos.

Socialmente e ambientalmente falando, é necessário levar em consideração a maneira pela qual os projetos paisagísticos são realizados em locais empobrecidos, degradados, poluídos e contaminados, e o tratamento adequado que

a população, e confronta-se com a morfologia original dos terrenos, e se adapta à estabilidade ecológica e preservação ambiental local é de extrema importância para uma revitalização urbana eficiente e consciente.

Por outro lado, como analisa o autor Eduardo Barra (2006) em sua obra “Paisagens Úteis: Escritos sobre Paisagismo”, o paisagismo pode ser utilizado como uma ferramenta comercial, mais do que social ou ambiental. A classe empresarial e o mercado imobiliário, por exemplo, percebem que hoje em dia um bom projeto paisagístico (com piscinas, gazebos, fontes, praças e caminhos arborizados) valoriza e ajuda a vender seus empreendimentos, sem nem sequer precisar ter uma altíssima qualidade e eficácia.

Pode também ter um sentido tecnológico, de inclusão social e de consciência ambiental. Como apontado pelo autor Juan Luis Mascaró, (2008), em seu livro “Infra-Estrutura da Paisagem”, com a alta tecnologia disponível, aliada aos instrumentos paisagísticos, é possível alterar-se a realidade e estabelecer-se a criação de ambientes totalmente sintéticos em termos de morfologia, vegetação e temperatura, como por exemplo, arquipélagos, lagos e praias artificiais, cenários gélidos, desérticos, tropicais ou selvagens.

2.5.4 Arborização de Espaços Públicos e Praças

Atualmente, os estudos do paisagismo consideram a construção de ambiências e a qualificação dos espaços livres através da inserção de elementos naturais e de elementos urbanos, ou modernamente chamados de “mobiliários urbanos”. A arborização e vegetação de uma região, por instância, é uma premissa fortemente relacionada com o conceito de paisagismo e comumente aplicada aos espaços públicos.

Conforme verificado no “Guia Prático de Acessibilidade”, (2015), elaborado pelo Conselho Federal de Engenharia e Agronomia – CONFEA, uma arborização consciente e de alta qualidade aplicada à praças pode trazer inúmeros benefícios, tais como:

- A maximização da função estética e paisagística local;

- Um mecanismo de proteção contra os ventos;
- A diminuição da poluição sonora de variadas fontes;
- A absorção de parte dos raios solares, trazendo maior conforto térmico;
- Um maior sombreamento para relaxamento;
- A melhoria do micro-clima, propiciando-se a ambientação de aves;
- O melhoramento do solo por meio das raízes e folhas;
- A diminuição da força das águas pluviais que caem no solo;
- A absorção de parte da poluição atmosférica, purificando o ar e neutralizando os efeitos nocivos à população;
- A criação de locais psicologicamente agradáveis para encontros, descanso e brincadeiras;

Como destacado pela diretriz de arborização, elaborada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, (2003), apesar dos diversos benefícios descritos pela cartilha, a inadequação das espécies vegetais e árvores, ou de suas aplicações podem causar dificuldades, degradação e até mesmo perigo ao local que estão inseridos. Conflitos com equipamentos urbanos, tais como fiações elétricas, encanamentos, calhas, muros, postes de iluminação e calçamentos, além de problemas relacionados à acessibilidade podem ser facilmente verificados nos espaços públicos brasileiros.

A cartilha salienta, portanto, que a escolha do tipo de vegetação deve ser feita com cuidado, evitando tanto quanto possível a aplicação de:

- Espécies vegetais venenosas e/ou compostas por grande quantidade de espinhos em sua extensão;
- Vegetações de natureza rasteira (como a Trepadeira) que são invasivas e exigem uma manutenção muito frequente;
- Plantas com raízes tabulares que podem danificar o pavimento das vias e calçadas;
- Plantas cujos ramos causem a obstrução e bloqueio dos caminhos, e acessos por cadeirantes e outros portadores de deficiência:

- Espécies arbóreas que prejudiquem a drenagem do piso, e por consequência, o tornando demasiadamente úmido e escorregadio;

De acordo com o artigo “Cinco Árvores Ideais para Plantar em Calçadas”, (2014), escrito por Cristiane Mendonça e publicado pela Revista Ecológico, para um plantio urbano correto e que atenda aos critérios mencionados acima, são recomendadas as seguintes espécies vegetais para Curitiba:

- Ipê-amarelo (*Tabebuia serratifolia*)

Esta espécie possui baixo e médio porte, e por este motivo é adequada para locais com grande quantidade de fiação. Além disso, como suas raízes são profundas, rachaduras e danos ao calçamento público podem ser evitados. As outras colorações de ipês, contudo, devem ser evitadas nestes casos, pois possuem portes mais altos.



Figura 13– Ilustração da flora do Ipê Amarelo
Fonte: Revista Ecológico, 2014.

- Pata-de-vaca (*Bauhinia forficata*)

A Pata-de-vaca é mais um exemplo de árvore com porte reduzido, o que por consequência, acaba não atrapalhando o tráfego de pedestres, e nem atinge as fiações elétricas. Assim como os ipês amarelos, suas raízes são profundas e portanto não estouram o calçamento público. Suas flores podem ser brancas ou rosadas.



Figura 14– Ilustração da flora da Pata-de-vaca
Fonte:Revista Ecológico, 2014.

- Quaresmeira (*Tibouchina sellowiana*)

É uma espécie nativa de árvore de pequeno porte, que apresenta uma floração roxa. Suas folhas têm a capacidade de reter as impurezas geradas pela poluição local. Geralmente de pequeno porte, é uma árvore nativa, que possui floração roxa. Suas raízes são profundas e seus galhos são firmes.



Figura 15– Ilustração da flora da Quaresmeira
Fonte: Revista Ecológico, 2014.

- Pitangueira (*Eugenia uniflora*)

É uma espécie arbórea apreciada em várias regiões do país. Ela apresenta amostras de pequeno à médio porte, que apresenta frutos comestíveis e um aroma bem agradável.



Figura 16– Ilustração dos frutos da pitangueira
Fonte: Revista Ecológico, 2014.

- Manacá-da-serra (*Tibouchina mutabilis*)

O Manacá-da-serra é uma escolha recomendada para o desenho paisagístico urbano, devido ao fato de que as suas raízes são suaves e permitem o seu plantio em espaços diversos. Seu porte é médio, atingindo de 6 a 12 metros de altura.



Figura 17– Ilustração das flores do Manacá-da-serra
Fonte: Revista Ecológico, 2014.

2.6 MOBILIÁRIOS/ EQUIPAMENTOS URBANOS

O entendimento do que se define “equipamento urbano”, ou “mobiliário urbano”, é fundamental no presente estudo, pois servirá como base para elencar os elementos compositivos da Praça Rui Barbosa, analisando-os e renovando-os se necessário. É também importante ter a noção clara sobre o que são estes mobiliários, pois eles contribuem para a estética e para a funcionalidade dos espaços, bem como, promovem a segurança e o conforto dos usuários.

Segundo Mascaró (2008), existe uma classificação referente aos mobiliários urbanos, que os categoriza em grupos específicos de necessidades as quais o local requer. Nas palavras do autor, as necessidades básicas são o descanso, lazer, proteção, acessibilidade, comunicação, limpeza, fins comerciais, decorativos, dentre outros. Ainda, os mobiliários urbanos podem ser agrupados segundo critérios lógicos, como por exemplo, condicionantes funcionais, estruturais, plásticas, compositivas, econômicas, históricas, ambientais e legais.

2.6.1 Tipos de Mobiliários Urbanos

Para o autor Juan Mascaró (2008), os equipamentos compositivos essenciais para um espaço público são painéis, luminárias, lixeiras, caixas de correio, telefones públicos, pontos de ônibus, pontos de táxi, bancos, mesas, bancas de jornal, quiosques, postos de serviço público, brinquedos e aparelhos de ginástica, septos, cercas, grades, vegetações, pisos, coberturas, cabines sanitárias, cabines policiais, semáforos, totens, placas, outdoors, fontes, bebedouros, jarros, pergolados, elementos escultóricos etc. Deve-se observar ainda, que a funcionalidade e harmonia estética destes elementos urbanos são imprescindíveis para qualquer projeto, e sendo assim, nunca podem ser implantados no local de maneira isolada e/ou sem especificações técnicas.

2.6.2 Função e Dimensão dos Mobiliários

- Bancos e Mesas

Estes equipamentos têm como principal função o descanso e o lazer dentro do espaço público. Um banco, por exemplo, pode ser de dois tipos, o primeiro será temporário e em locais de rápida circulação, servindo somente como apoio e/ou para pausas eventuais, já o segundo, tem seu propósito ligado à permanência, descanso e lazer, e por isso, pode ser utilizado para leitura, contemplação. As

mesas podem atender a função de apoio físico, quando o usuário a utiliza para refeições e estudos, por exemplo, assim como podem funcionar como elementos de integração social e apoio psicológico, para encontros e reuniões de pessoas.



Figura 18 - Ilustração de Bancos em Praças Públicas
Fonte:Chair eTable, 2017.

As recomendações são de que estes assentos tenham como dimensões, uma altura de aproximadamente quarenta centímetros (0,40m), profundidade de cinquenta centímetros (0,50m), e encosto com altura do piso até o seu limite superior de um metro (1,00m). Para as mesas de tampo circulares, recomenda-se como dimensões um diâmetro mínimo de um metro (1,00m), altura de aproximadamente oitenta centímetros (0,80m) e dois metros de comprimento (2,00m), em caso de mesas retangulares.

- Brinquedos e Aparelhos de Ginástica

Estes mobiliários podem compor uma porção específica ou mais ampla de um espaço, como parques, orlas e praças públicas. São equipamentos destinados a atividades lúdicas, e inerentes a um público singular (crianças, idosos ou esportistas). São geralmente coloridos, dispostos em formas temáticas (torres, cascatas, pontes, cabanas), e necessitam seguir padrões especiais a fim de que sua utilização seja adequada e segura.

A recomendação é de que a implantação destes equipamentos seja feita em terrenos sem declividade muito acentuada, preferencialmente em solo plano, sobre

caixas de areia, coberto por gramado ou piso emborrachado. Os materiais devem ser fortes e resistentes, mas preferencialmente lisos, sem quinas pontiagudas, lascas de madeira, vidro, pregos e parafusos salientes.

Os tipos de brinquedos podem ser de formas e dimensões variadas, mas mesmo assim, recomenda-se que altura máxima de um brinquedo para crianças de até 8 anos de idade deva ser de até um metro e cinquenta centímetros (1,50m), com uma área de proteção mínima do brinquedo de 20,00 metros quadrados.



Figura 19 - Brinquedos em Praças Públicas
Fonte: Jornal Olá Serra Gaúcha, 2017.

Para os equipamentos esportivos (pistas de caminhada e corrida, ciclovias, academias públicas), a recomendação de Mascaró (2008) é de que sua implantação seja simples, delimitada em solo natural, terra ou grama, ou em pisos revestidos de concreto, para que desta forma necessitem de pouca manutenção. As dimensões dos aparelhos de academia, bem como das quadras e campos deverão, individualmente, seguir as medidas desportivas oficiais, ou se feitas numa escala reduzida, obedecer uma proporção baseada nos padrões oficiais.

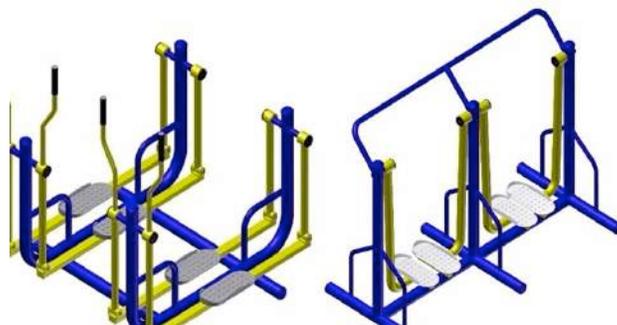


Figura 20 - Ilustração de Aparelhos de Academia ao Ar Livre
Fonte: Wall Street Fitness, 2015.

- Septos, Cercas, Grades e Defensas

Estes elementos urbanos constituem a função de barreiras territoriais, visuais e acústicas, ou de proteção e segurança em espaços públicos. Correntes, grades e a própria vegetação local, por exemplo, têm o poder de separar ou inibir a presença dos usuários e sons em determinado perímetro, ou simplesmente, delimitar e identificar o acesso à espaços cujas naturezas são distintas (áreas de lazer, residenciais, comerciais, escolares). A presença de septos pode ser explicada pela necessidade em se proteger crianças, por exemplo, dos eixos de alta circulação de pedestres, ou do alto fluxo de automóveis.



Figura 21 - Grades e Muros
Fonte: Viveiro Ambiental, 2017.



Figura 22 - Septos e Cercas Vivas
Fonte: Viveiro Ambiental, 2017.

As dimensões recomendadas para septos e cercas vivas são de trinta à sessenta centímetros de altura (0,30m à 0,60m) se a sua função for unicamente a

de delimitação do espaço, ou de grades e muros de ferro, com altura de um metro e cinquenta centímetros à três metros (1,50m à 3,00m), se a sua função for a de separação e impedimento do acesso. Em relação as defensas (protetores de árvores e/ou monumentos), deverão ter altura e diâmetro de sessenta centímetros à um metro (0,60m à 1,00m).

- Árvores e Vegetações

Como a colocação de árvores e demais espécies vegetais podem afetar de forma determinante o contexto urbano, em especial de seu calçamento, é importante ter em mente no momento da realização do projeto paisagístico alguns critérios dimensionais. Segundo o Guia Prático de Acessibilidade (2015), do CONFEA:

- O espaçamento entre mudas e árvores deve ser de 5,00 à 6,00 metros;
- A distância de esquinas deve ser de 15,00 metros;
- A distância entre árvores e postes de fiação deverá ser de no mínimo 4,00 metros;
- A distância entre árvores e postes de iluminação deverá ser de no mínimo 6,00 metros;
- A distância entre as árvores e os postes de sinalização de trânsito deverá ser de no mínimo 4,00 metros;
- A distância entre as árvores e entradas de garagens deverá ser de no mínimo 1,50 metros;
- O espaçamento entre mudas e a sarjeta deverá ser de no mínimo 0,50 metros;
- A dimensão recomendada para canteiros ou áreas livres, deverá ser de no mínimo 1,00 m² para árvores pequenas e médias, e de 2,00 m² para árvores de grande porte;

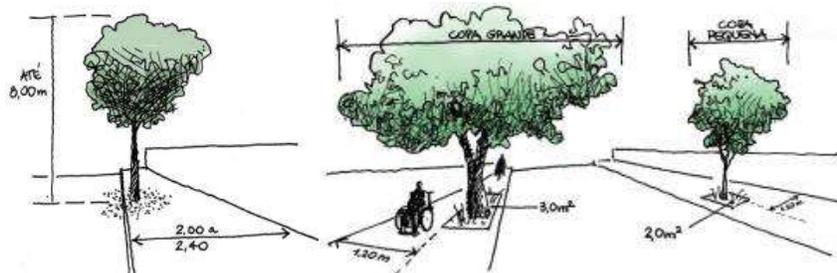


Figura 23 -- Ilustração de Ponto de Dimensionamento de Árvore
Fonte: Manual do Arborismo da UFRRJ

- Coberturas, Cabines, Bancas, Quiosques e Pontos de Ônibus

Esta categoria de mobiliários urbanos, também denominada “micro arquitetura”, caracteriza-se pela função de abrigar os usuários do local em que estão inseridos. Podem ter como finalidade o descanso, encontro, o comércio, a proteção contra intempéries ou ainda pode servir como um ponto de referência e espera do transporte público.



Figura 24 Ponto de Ônibus
Fonte:Contando as Horas e McaCoelho.com.br, 2017.

A recomendação para pontos de ônibus ou táxi é de que sejam modulados, no sentido de facilitar a montagem e desmontagem, e estender suas extensões. As dimensões mais utilizadas são de dois metros e dez centímetros de altura (2,10m), um metro e cinquenta centímetros de comprimento (1,50m), por um metro e cinquenta centímetros de profundidade (1,50m). Os materiais mais utilizados são o concreto, aço, policarbonato ou telhas galvanizadas na cobertura, já nas vedações laterais, devem ser feitas de vidro, acrílico ou outro material transparente.

Para os quiosques, bancas e cabines, a dimensão poderá variar em comprimento e profundidade dependendo de sua natureza, equipamentos instalados e demanda de usuários, mas a recomendação básica é de que tenham altura aproximada de dois metros e trinta centímetros (2,30m). No caso das cabines sanitárias as dimensões mínimas recomendadas são de um metro por um metro e setenta centímetros (1,00m x1,70m).



Figura 25 - – Ilustração de Quiosque e Banca de Jornal e Revistas
Fonte: McaCoelho.com.br, 2017.

- Pisos/Calçadas

Os pisos de um espaço público podem também ser entendidos como equipamentos urbanos, pois abrigam outros mobiliários urbanos em sua extensão. Uma via ideal, por exemplo, tem a sua calçada e seus passeios separados e diferenciados por nível, uso, e material. Nos setenta e cinco centímetros (0,75m) próximos ao meio-fio são colocados todos os tipos de objetos (postes, lixeiras, placas etc), já o meio da calçada tem cerca de cento e vinte centímetros (1,20m) e é livre para o trânsito exclusivo de pedestres.



Figura 26 - Dimensionamentos de Calçadas

Fonte: Manual de Acessibilidade do Governo Estadual de Santa Catarina, 2017.

Segundo a Norma Brasileira - NBR, a materialidade dos pisos, ou de seus revestimentos é fundamental para a funcionalidade e segurança de seus usuários. Os materiais recomendados pela norma são peças de concreto para a pavimentação intertravada, e o “*paver*” para calçadas. Por outro lado, o “*petit-pavê*” (Pedra Portuguesa), o paralelepípedo (Pedra Basáltica), o mármore, granite ou cerâmica polida não são materiais recomendados devido à sua difícil execução, manutenção, bem como suas desuniformidades e texturas escorregadias, que acarretam perigo à portadores de deficiências físicas ou idosos.

No artigo “Petit-pavê é a Pedra da Discórdia do Calçamento Curitibano”, publicado pela Gazeta do Povo, em 2006, Victor Aurélio Tosin, proprietário da Paranafiller Mais Cal, empresa que extrai o *petit-pavê*, diz que a seleção das pedras em Curitiba não é apropriada. “Os quatro lados devem perfeitos, se tiver pontas, a calçada fica irregular”.

2.7 LUZ/ ILUMINAÇÃO PÚBLICA

2.7.1 Histórico

Antes de discorrer sobre a iluminação do espaço da Praça Rui Barbosa, é interessante compreender como sua história ocorreu mundialmente e no Brasil. Conforme apontado por Mascaró (2006), por milênios o único tipo de luminância artificial à serviço da humanidade foi a chama produzida pelo fogo, e seu uso por

sua vez era fundamentalmente funcional (leitura e escrita). Ainda na Idade da Pedra, foram criadas as então denominadas “lâmpadas de pedra” cujo funcionamento se dava pela queima de azeite animal ou vegetal com uma mecha trançada. Já durante o Império Romano e Idade Medieval, a iluminação era feita por meio de tochas, archotes (com pedaços de trapos em resina ou graxa) e velas, e ademais, era concentrada em locais públicos de caráter cívico, esportivo e religioso.

A iluminação tal qual como conhecemos hoje, surgiu durante meados de 1780 durante a Revolução Industrial, devido à pressão social e econômica pela demanda de uma iluminação de melhor qualidade. Em 1815, Edward Gearing implantou em Londres a iluminação pública a gás de carvão (hulha) e posteriormente, com o advento da eletricidade, ocorreu o fornecimento e distribuição regular da energia elétrica pública. Em 1883, no Brasil, este fornecimento aconteceu primeiramente no estado do Rio de Janeiro, na cidade de São Paulo, Porto Alegre, Juíz de Fora, Curitiba, Maceió e Belém, e somente em 1932, as primeiras luminárias públicas foram instaladas.



Figura 27 - O “homem do gás” no final do século XIX
Fonte: A Iluminação do Espaço Urbano, 2006.



Figura 28 - Iluminação Noturna na Idade Média
Fonte: A Iluminação do Espaço Urbano, 2006.

2.7.2 Importância e Eficiência

Segundo Mascaró (2006) em seu livro “A Iluminação do Espaço Urbano”, a iluminação no contexto das grandes cidades simboliza a civilização, o progresso, a repulsa ao obscurantismo, e se dá quando há a possibilidade de se enxergar objetos, pessoas ou o entorno. Ocorre quando a luz gerada ou refletida por fontes e superfícies presentes incide nos olhos biologicamente ativos, sendo analisados e processados pelo sistema visual humano.

Ainda, de acordo com a autora é interessante compreender o que seria considerada uma iluminação eficiente, e para tanto é necessário se estabelecer certos requisitos como fundamentais, sendo estes:

- Esta iluminação é considerada eficiente se ela alcança e chega onde se necessita;
- Se ela conversa e atende às funções desenvolvidas na cidade;
- Esta iluminação faz com que os usuários sintam-se confortáveis, satisfeitos, estimulados e seguros;
- Colaborar com a venustidade do local, dos monumentos e edificações;
- A manutenção e energia relativas ao funcionamento desta iluminação devem ser sem desperdícios, sem excessos;
- A orientação das luminárias públicas deve ocorrer de modo a evitar a emissão de luz diretamente para o hemisfério superior, pois devido à sua refletância, pode gerar uma claridade inconveniente e que reduz a visibilidade;
- Emprego de lâmpadas de descarga contendo mercúrio, com um valor de luminância recomendado superior a 10 lux (SCHEUDER apud MASCARÓ, 1993, p.100), para minimizar consumo de energia e impacto ambiental;

De acordo com os preceitos discutidos por Mascaró, o pedestre/usuário da praça deve estar apto à orientar-se de forma adequada, tendo uma nítida visibilidade das pessoas que transitam em sentido contrário, tendo a possibilidade de detectar eventuais obstáculos nas superfícies dos passeios, realizar uma leitura

clara dos endereços de edificações ou nomes de ruas, o que requer uma iluminância vertical de 1 a 2 lux como mínimo sobre a fachada do local.

2.7.3 Iluminação Noturna

Baseado nos estudos da autora, uma boa iluminação noturna para pedestres pode ser feita através de aparelhos com lâmpadas a vapor metálico, e requer uma iluminância de no mínimo 5 lux. Conceitualmente, a boa iluminação noturna é aquela que facilita o reconhecimento das pessoas a uma distância prudente (em torno de 4 metros), de forma que permita aos usuários evitar, ou adotar medidas defensivas diante de uma situação perigosa ou de risco. Especialmente durante o período noturno, a iluminação acaba por funcionar como um método dissuasivo contra a violência e delinquência, pois proporciona a sensação de segurança e vigilância.

Segundo Mascaró (2006), é de grande importância que a localização e colocação das luminárias sejam feitas de modo que sua distribuição luminosa ocorra de forma perpendicular e descendente em projeção ao passeio para pedestres e vias de trânsito. O mesmo é válido para a relação da iluminação pública com a arborização local, a fim de não provocar um bloqueio dos raios luminosos de incidência por parte das folhagens das árvores.

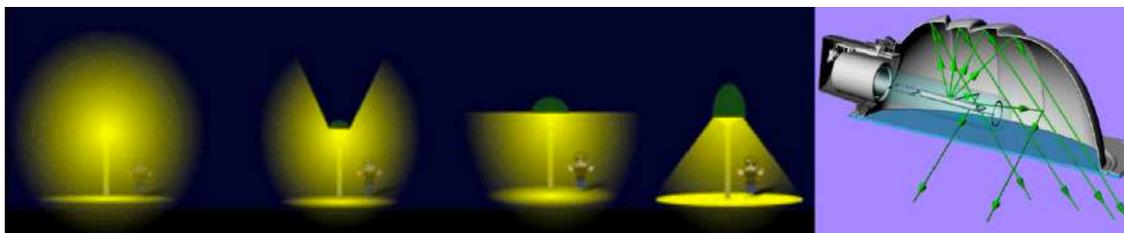


Figura 29 - Representação do aumento na eficiência luminosa das luminárias
Fonte: Indal, 2011.

Segundo o “Manual de Iluminação Pública” (1998) da Companhia Paranaense de Energia - COPEL, assim como as normas técnicas da Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL e das Normas Brasileiras de Registro - NBR 5101 e NBR 15215, em ambientes de praças e parques cuja presença da

públicas convencionais preferencialmente de braços longos, e em segundo nível, por luminárias ornamentais ou projetores como instrumentos complementares.



Figura 30 - Propostas de iluminação para locais com intensa arborização
Fonte: Manual de Iluminação Pública CEMIG.

Ainda seguindo os critérios estabelecidos pelo manual da COPEL, a distribuição de equipamentos de iluminação pública deve estar disposta da seguinte maneira:

Quant. de luminárias		DUAS				TRÊS				QUATRO			
Quant. de lâmpadas por luminária		1 x 400 W		2 x 400 W		1 x 400 W		2 x 400 W		1 x 400 W		2 x 400 W	
Comprimento total do poste (m)		12	15	12	15	12	15	12	15	12	15	12	15
Ponto de Ilumin. Máximo (lux)	M	93	87	281	175	210	131	421	263	281	175	562	351
Distâncias em metros	A	34	36	40	45	36	41	43	49	46	49	53	63
	B	70	75	84	94	76	86	91	103	96	103	111	133
	C	36	38	44	49	40	45	48	54	50	54	58	70
	D	65	70	78	87	71	80	85	96	90	96	104	124

Figura 31 – Critérios de Distribuição de Equipamentos de Iluminação Pública
Fonte: Manual de Iluminação Pública da COPEL, 2017.

2.7.4 Potencial Estético

Como apontado por Mascaró, a folhagem das árvores, assim como os

materialidade e superfícies com uma particularidade que lhes atribui a geração de inúmeros padrões de sombras e cores quando iluminados. Tal fato denota o potencial estético e visual secundário que uma iluminação planejada e diferenciada pode trazer ao local desejado, desde que obviamente, a iluminação cumpra com sua funcionalidade primordial de iluminar. Segundo as próprias palavras da autora:

“(...) destacar árvores ou plantas iluminando as da frente e vista na mesma direção produzirá uma aparência plana. Iluminando em forma ascendente desde o solo ou na copa produzirá efeitos dramáticos.” (MASCARÓ LÚCIA, 2006)

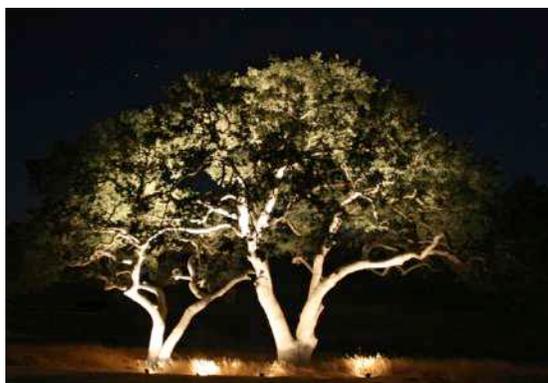


Figura 32 - Iluminação Decorativa Amarela para Árvore
Fonte: Reproduction Outdoor Lighting, 2017.



Figura 33 - Iluminação Decorativa Colorida para Árvores
Fonte: Reproduction Outdoor Lighting, 2017.

Como se pode inferir através da figura 14, a iluminação do tipo “up lighting”, pode ser feita através da utilização de cores, conferindo um tom mais conceitual, festivo ou mesmo cênico ao local. Em seu livro, Mascaró comenta que cores entre o quente e o neutro da luz (correspondente a uma temperatura de cor entre 1800

Kelvin e 3300 Kelvin) são recomendadas para produzir maior atratividade no entorno, bem como, destacar e transformar edifícios importantes, arranha-céus, igrejas, torres, pontes e monumentos em centros de referência.



Figura 34 - Iluminação em Área Molhada
Fonte: TripAdvisor, 2017.

A iluminação possui um forte poder que vai além da noção de visibilidade e segurança. É um meio eficaz para promover distintas atividades, pois constitui um meio alternativo e sutil de publicidade, à fim de gerar uma imagem local positiva, fomentar atrações culturais, atrair novos visitantes, bem como manter os antigos usuários. A identidade, caráter e identidade de um meio urbano, no caso da Praça Rui Barbosa, podem ser fortalecidos e complementados por uma iluminação diferenciada, criando uma maior harmonia entre os elementos estruturais e os mobiliários, acentuando determinados traços e estilos arquitetônicos.

3. ESTUDOS DE CASO

Os projetos identificados abaixo, foram utilizados como estudo de caso pela razão de apresentarem condicionantes físicas e sociais condizentes às propostas que serão desenvolvidas na revitalização da Praça Rui Barbosa. Entende-se que estes projetos podem trazer benefícios no que diz respeito à concepção dos programas de necessidades, e podem ser elementos decisivos para a definição das diretrizes, já que são exemplos projetuais de sucesso e vitalidade.

3.1 RUA 24 HORAS

Segundo consta no website oficial da Rua 24 Horas e da URBS, a Rua 24 horas é um projeto tipicamente Curitibano que foi fundado e inaugurado em setembro 1991, pelo então prefeito da época Jaime Lerner. Desenvolvido por Abrão Assad (responsável também pela estufa do Jardim Botânico de Curitiba e co-autor do projeto Estação Tubo), Célia Bim e Simone Soares, é um projeto arquitetônico notável, pois foi a primeira rua a fornecer serviços 24 horas por dia no Brasil.



Figura 35 - Rua 24 Horas nos Primeiros Anos Desde a sua Inauguração
Fonte: Resenha Geral, 2001.

Em termos arquitetônicos, a galeria é basicamente uma rua calçada cujo comprimento alcança quase 120.00 metros de extensão, conectando o eixo da Rua

Visconde de Nácar e Visconde do Rio Branco. Seu fechamento superior, é feito por um revestimento de vidro suportado por uma estrutura metálica tubular, onde 32 arcos e dois grandes relógios tocam a cobertura (um em cada entrada marcando as horas em 24 intervalos, ao invés de 12). Apesar da Rua 24 Horas ser iluminada e comandada por uma central eletrônica a quartzo, o ambiente é naturalmente bem iluminado graças à presença de luz que permeia o pavimento térreo através de seu teto envidraçado, o que também acaba por gerar uma sensação de espaço aberto.

Inicialmente, suas lojas, bares e restaurantes funcionavam num expediente integral, fazendo jus ao nome da rua comercial. Em meados de 2007 o horário comercial das lojas reduziu-se e passou a atender seus clientes até as 23 horas (o que embora represente uma carga horária mais extensa se considerado a carga horária padrão brasileira), gerou uma perda da característica e proposta do local.

Segundo relatos de moradores e trabalhadores locais, esta decisão em encurtar o expediente da Rua 24 Horas teria decorrido de problemas administrativos e do fato de que havia uma desconfiança e medo muito grande da população gerado pela presença de usuários de drogas e prostitutas nos arredores, que contribuía para o afastamento das pessoas. Portanto, no mesmo ano a prefeitura decidiu que o ambiente estava deteriorado e precisava de uma intervenção e revitalização na galeria.

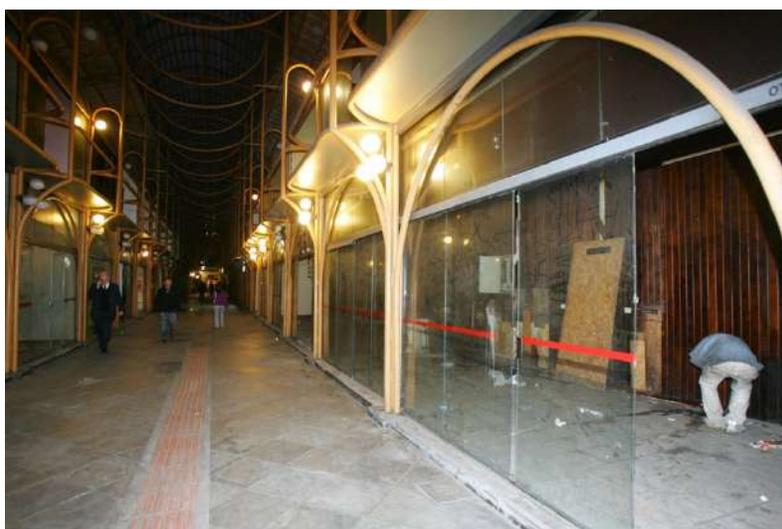


Figura 36 - Galerias abandonadas na Rua 24 Horas
Fonte: Gazeta do Povo, 2008.

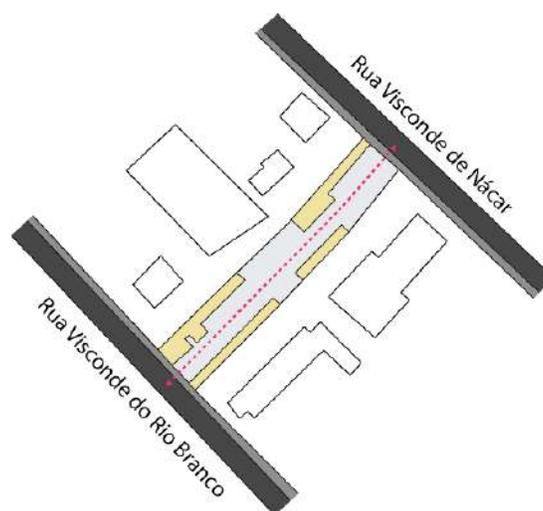
Apesar de a prefeitura ter lançado novas licitações para empresas interessadas em gerenciar a Rua em 2008, suas galerias ficaram abandonadas e em desuso por 2 anos e apenas em 2010 começaram as obras de revitalização, quando a “M. Camargo Corretora de Imóveis Ltda” teve o seu consorcio autorizado para administrar a Rua 24 Horas comercialmente, sobre a supervisão da URBS.

Para a revitalização de 2010, a prefeitura obviamente decidiu melhorar a estrutura física e equipamentos, mas manter os mesmos detalhes arquitetônicos (dentre eles os grandes arcos internos e externos e os relógios), o que mudou porém, foi a estratégia de ocupação do local que é mais ousada. De acordo com Geraldo Hisao, do departamento de marketing da corretora, alguns dos planos foram de se utilizar do palco que existe no interior da Rua para trazer apresentações semanais de artistas locais, realizar oficinas de arte e leitura para as crianças nos fins de semana, usar os boxes ociosos para pequenas exposições de arte e estimular parcerias com escolas para visitas à exposição.

A ideia essencial foi de se aumentar o fluxo de pessoas no local (uma marca de 25 mil em comparação com a média de 12 mil usuários nos anos anteriores) e a enfatização da atratividade e existência de serviços diferenciados da Rua 24 Horas para a população da cidade.

LEGENDA:

- Ruas Conectoras
- Calçadas
- Caminho da Rua 24 Horas
- Lojas/ Prestação de Serviço
- Circulação Interna



Mapa 2 - Planta da Rua 24 Horas



Figura 37 - Rua 24 Horas Após Revitalização
Fonte: Rua 24 Horas, 2015.

Como se nota na planta acima, a Rua 24 Horas possui um espaço central amplo para a circulação de pedestres que desejam passar de uma avenida para a outra, ainda que não passem por lá para consumir seus serviços. Por outro lado, para seus usuários, a Rua 24 Horas oferece uma grande variedade de lojas e prestações de serviços, como sanitários, bancos, espaços gourmets, restaurantes italianos, orientais, hamburguerias, sanduicherias, bistrôs, cafeterias, casa de suco, cervejaria, lojas de chocolate artesanal, copiadora, loja de presentes, tabacaria e até mesmo uma barbearia estilo retrô.

Em resumo, este estudo de caso é interessante em termos programáticos e físicos. A Rua 24 Horas é um caso atípico de comércio e prestação de serviços variados que funciona de forma integral por quase todos os dias da semana. Devido ao seu expediente extenso, o local funciona como uma ferramenta diferenciada na dinâmica do bairro centro, trazendo vida e movimento, e até mesmo mais segurança para o centro já que há maior circulação de pessoas.

Além disso, a idéia de uma rua toda aberta conectando dois eixos (como se fosse um “canal”), assemelha-se a proposta de desobstrução do Centro Comercial da Praça Rui Barbosa e a Avenida Desembargador Westphalen. As qualidades estruturais da Rua 24 Horas também são coerentes com o presente estudo, sua estrutura metálica esbelta e alta, assim como sua cor branca e envidraçamento da

cobertura, trazem uma condicionante física de leveza e transparência, que são ideais para desatramancar a circulação e liberar o campo visual.

3.2 BASKETBAR NL ARCHITECTS

É um projeto realizado em 2003 na cidade holandesa de Utrecht, pelo grupo NL Architects para o câmpus da Universiteit Utrecht Huisvesting com custo de 1,27 milhões de dólares e uma área de 1231,00 m². O projeto foi implantado junto ao cruzamento das principais estradas de acesso ao campus (a Heidelberglaan e a Genevelaan), que pareceram aos projetistas o melhor local para este empreendimento, devido a proximidade com os prédios públicos, à biblioteca e a “logo” da universidade.



Figura 38 - Contexto Físico do Projeto
Fonte: NL ARCHITECTS, 2003.

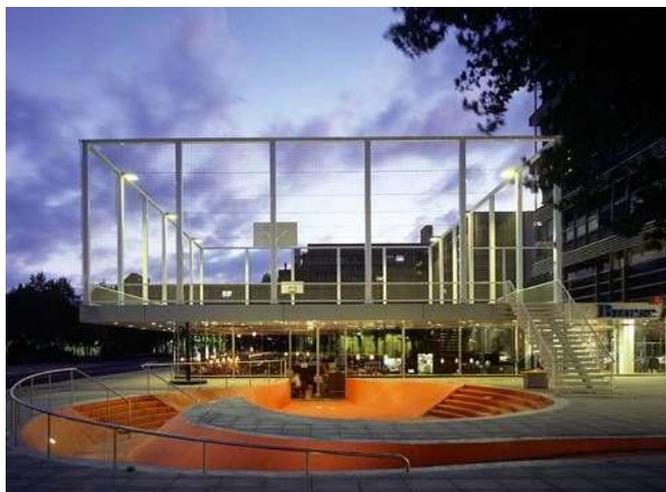


Figura 39 - Basketbar in Utrecht, Netherlands
Fonte: Archilovers.com, 2017.

A proposta deste projeto foi transformar um lugar mono-funcional em uma “cidade”, com programas e funções urbanas, aproveitando para reforçar as qualidades existentes da paisagem. Como o projeto se deu em meio a um câmpus universitário (cujas restrições em alojamentos haviam sido abolidas), a criação de uma vida noturna para os estudantes se tornou necessária. Foi então criado o “basketbar”, uma espécie de ponto de encontro híbrido (café, bar, restaurante e loja de livro), incorporado com elementos esportivos e recreativos (quadra de basquete e pista de skate).



Figura 40 - Restaurante/Bar
Fonte: NL ARCHITECTS, 2003.



Figura 41 - Quadra de basquete acima do bar
Fonte: NL ARCHITECTS, 2003.

Como visto na imagem acima, é possível observar parte da quadra de basquete pelo bar no primeiro pavimento (graças à clarabóia no teto) e consequentemente, receber luz natural no ambiente. O café, que é uma extensão da já existente loja de livros, é um quadrado perfeito com dimensões de 15,00 por 15,00 metros e funciona como um centro informal no campus, um lugar relaxante de encontro para professores, pesquisadores e estudantes.

O sistema construtivo funciona através de um método que desafia a gravidade chamado “*Jack Block System*”, onde se começa construindo o andar superior no nível térreo e então, levantando-o para construir os andares seguintes. Em relação ao complexo, é relevante notar que ele possui uma estética semi-enterrada (o cliente entra no bar pelo topo do balcão, como se o bar estivesse esmagado pela massa da quadra. Esta organização espacial é interessante porque cria uma perspectiva de praça, onde todos os espaços se permeiam de alguma forma, de maneira compacta. Para entrar no bar, por exemplo, é necessário passar pela pista de skate, e da mesma forma, para acessar a quadra de basquete e a loja de livros é necessário circular internamente pelo bar.

Em resumo, este estudo de caso é interessante para a revitalização da Praça Rui Barbosa porque enriqueceria a praça com sua característica de integração, e pela incorporação de atividades recreativas e esportivas em toda a sua porção seca e ociosa. Não necessariamente o skate e o basquete, mas qualquer atividade (ciclovias, ring de patinação, cafés, bares e até mesmo baladas,

casas de show) que proporcionasse maior entretenimento no local, e conseqüentemente a entrada de um novo público.

Fisicamente falando, como o terreno da Praça Rui Barbosa apresenta declividade, pode-se tirar proveito desta característica para a criação de espaços semi-enterrados (como visto no Basketbar), totalmente enterrados ou com diferentes níveis e hierarquias. Já afirmava Jane Jacobs (1961), em seu livro “Morte e Vida de Grandes Cidades”, que os momentos de “surpresa” e diversidade nos espaços públicos geram nas pessoas a vontade em se explorar, caminhar, interagir socialmente, e por conseqüência, isso traz mais vitalidade para as cidades.

3.3 MASP – MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

O Museu de Arte de São Paulo foi construído em 1946 e inaugurado em 1947 graças a arquiteta Lina Bo Bardi, seu marido Pietro María Bardi, e Assis Chateaubriand, que na época imaginavam o local como sendo um centro para exposições periódicas, concursos e conferências sobre arte. Localizado na Avenida Paulista – no coração da cidade brasileira de São Paulo – o museu tem uma área construída de 11000.00 m² num terreno com aproximadamente 5420.00 m².



Figura 42 - MASP no Contexto da Avenida Paulista
Fonte: Archdaily Brasil, 2012.

A intenção da arquiteta, foi que o edifício fosse projetado de modo a se assemelhar a um contêiner de arte, que metafóricamente “armazenaria” a cultura na zona onde se implanta. Não por acaso, nele foram inauguradas instituições cuja temática era fundamentalmente ligada à arte, como por exemplo, escolas de gravura, pintura, design industrial, escultura, ecologia, fotografia, cinema, jardinagem, teatro, dança e até moda.

Em termos construtivos, o edifício é composto por uma grande massa de concreto envidraçada, que por ser suspensa, acaba gerando uma grande área livre na base. O volume é suspenso à 8,00 metros do solo, e sustentado por dois espessos pórticos. A estrutura como um todo, vence um vão livre de 74,00 metros, sendo ainda hoje uma das mais extensas do mundo.



Figura 43 - Estrutura de Sustentação do MASP
Fonte: Archdaily Brasil, 2012.



Figura 44 - Vão Livre na Visão do Observador

Na base do prédio constitui-se um extenso hall cívico, utilizado como palco para reuniões públicas e políticas; um teatro-auditério e um pequeno auditório com sala de projeção. Já no o pavimento suspenso, encontram-se a pinacoteca, escritórios, salas de exposições temporárias, salas de exposições particulares, e arquivos fotográficos, filmográficos e videográficos.

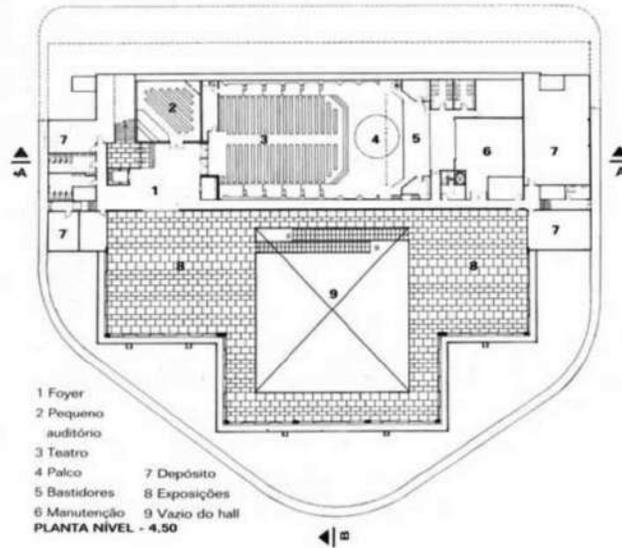


Figura 45 - Planta do 1º Pavimento
 Fonte: Archdaily Brasil, 2012.

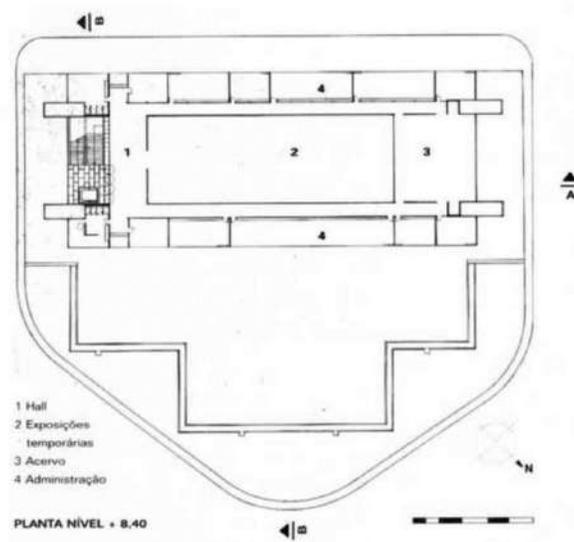


Figura 46 - Planta do 2º Pavimento
 Fonte: Archdaily Brasil, 2012.

Este projeto é relevante como referência para a Praça Rui Barbosa, pois o vazio do nível térreo é uma estratégia inteligente para integrar a construção à calçada, deixando a circulação livre para os pedestres e permitindo a continuidade visual dos espaços. Ademais, metaforicamente constitui uma “praça seca” que articula ambos os lados do edifício com a cidade. Por um lado os edifícios da Avenida Paulista, que estão na mesma cota que o vazio, e por outro, o espaço que se abre nas cotas escalonadas até o interior do túnel da Avenida 9 de Julho. Seguindo esta mesma lógica do MASP, seria possível integrar a Rui Barbosa com a Avenida Desembargador Westphalen.



Figura 47 - Praça Seca do MASP
Fonte: Museu de Arte de São Paulo, 2017.

É interessante que, o vazio do museu, imprime uma idéia de tempo, no qual o espectador é quem domina e gera o espaço, e não o contrário. O grande espaço livre, para a praça pode significar que os transeuntes terão mais liberdade e escolha, não ficando mais restritos a tomar uma específica direção (contornando as extremidades da praça para acessar a área central), mas sim se movendo livremente.

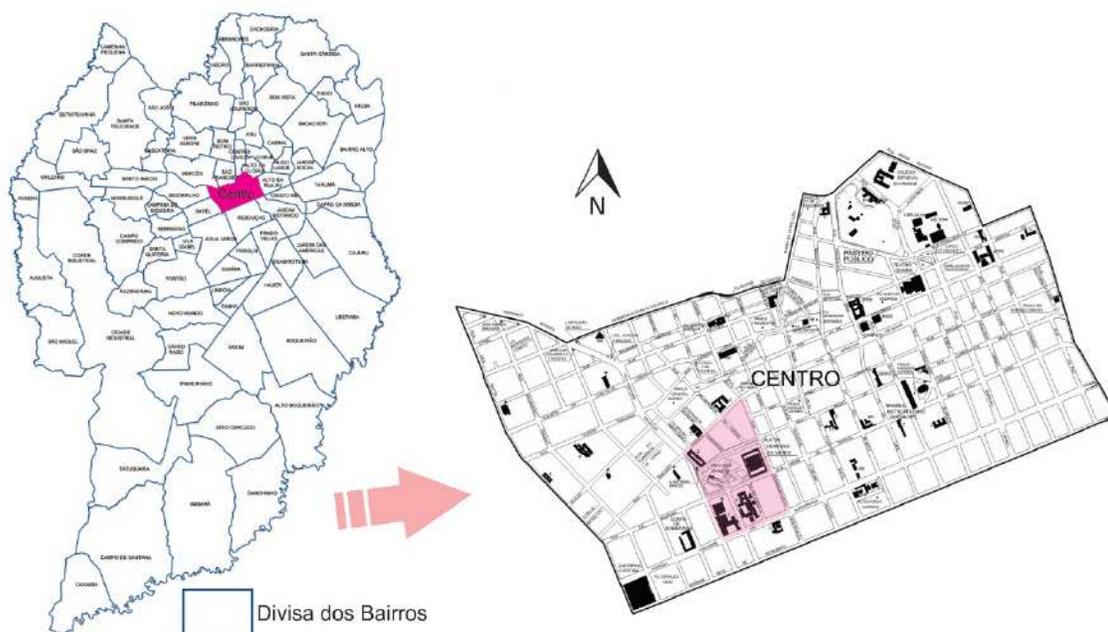
Outro ponto interessante é o potencial que uma obra como o MASP (com

tipologia predominante do local em que é inserida. No contexto da Praça Rui Barbosa, por exemplo, observa-se que o entorno imediato tem uma tipologia arquitetônica antiga, com influências clássicas e ecléticas, e a remodelação da Rua da Cidadania Matriz pode trazer um aspecto inovador e moderno. A adoção de um generoso pé-direito, passa uma sensação visual de que o edifício está flutuando e isso gera a curiosidade das pessoas.

4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

4.1 LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA RUI BARBOSA

Localizada no bairro Centro, no coração da cidade de Curitiba, no Brasil, à $25^{\circ} 26' 9''$ da região sul e $49^{\circ} 16' 24''$ da região oeste, a Praça Rui Barbosa encontra-se numa área de estrutura urbanizada, na qual se depara com importantes vias, bairros, pontos nodais, marcos e limites da redondeza, segundo dados obtidos pela URBS e IPPUC.

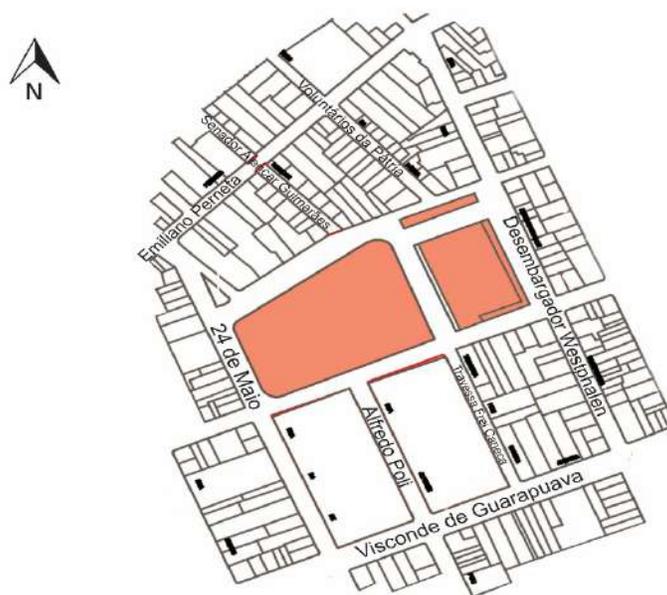


Mapa 3 - Mapa da Cidade e do bairro Centro em Curitiba, Paraná, Brasil
 Fonte: Elaborado e editado pelo autor com base no mapa oficial do IPPUC, 2017.

É importante destacar e compreender a localidade da Praça Rui Barbosa, assim como a de seu entorno, pois as interações e dinâmicas locais funcionam como parâmetro norteador ao presente estudo.

Esta região é caracterizada por um alto fluxo de pessoas, veículos públicos e domésticos, por prestação de serviços públicos, atividades econômicas, educacionais e culturais amplas, por uma tipologia arquitetônica mista (composta

entendimento são fundamentais para que a proposta de renovação e revitalização da praça seja racional e coerente com as reais necessidades locais.



Rua 24 de maio;
 Rua Emiliano Perneta;
 Rua Desembargador Westphalen;
 Rua Visconde de Guarapuava;
 Rua Senador Alencar Guimarães;
 Rua Voluntários da Pátria;
 Rua Alferes Poli;
 Rua Travessa Frei Caneca.

Mapa 4 - Setor da Praça Rui Barbosa

Fonte: Elaborado e editado pelo autor baseado no arquivo da Prefeitura de Curitiba, 2017.

4.2 HISTÓRIA DA PRAÇA RUI BARBOSA

É de extrema importância compreender a história e evolução da Praça Rui Barbosa, pois a população local e do entorno será afetada por toda e qualquer mudança proposta em sua área, e, portanto, todo o vínculo e afeição destes indivíduos, devem ser respeitados e levados em consideração neste projeto de revitalização. Segundo apontam os autores Antonio Paulo Benatti e Marcelo Saldanha Sutil (1996) no livro “Rui Barbosa: A Praça na Trilha do Tempo”, a Praça Rui Barbosa tem passado por diversas fases, tendo sido ocupada desde como

campo de peladas, futebol, ginástica, treinamento de militares, espaço para circos e terminal de ônibus.

4.2.1 Função e Ocupação na Praça Rui Barbosa

Na virada do século XIX para o século XX, a praça era popularmente chamada de “Campo do Olho D’Água dos Sapos”, devido ao fato de que na época ainda não havia o serviço de distribuição de água encanada na cidade, e existia uma abundante bica no local onde hoje é a praça, fazendo com que a população fosse buscar água limpa nesta área. Segundo aponta o jornalista e fotógrafo Cid Destefani, em seu artigo “Velhas Praças Curitibanas” publicado na Gazeta do Povo em 2014, foi desse olho d’ água que o engenheiro Antônio Rebouças executou uma canalização que transportou o líquido até a atual Praça Zacarias e ai sendo servida a população através das torneiras de um chafariz, inaugurado em 1871.

Mais tarde, após a construção da Santa Casa de Misericórdia, a praça ficou conhecida como Campo da Cruz das Almas. Ainda no mesmo período, com a instalação do hospital e de um depósito de artigos bélicos (referente ao perímetro onde localiza-se a Rua da Cidadania da Matriz), o Campo da Cruz das Almas adquiriu novas obras de urbanismo, chegando a receber em 1880 até mesmo a visita do imperador Dom Pedro II no dia da inauguração da Santa Casa.



Fotografia 1 - Quartel do 6º. Regimento de Artilharia na Praça da República em 1906
Fonte: Gazeta do Povo, 2008.

A vida militar foi sempre muito proeminente no local, sendo o quartel de

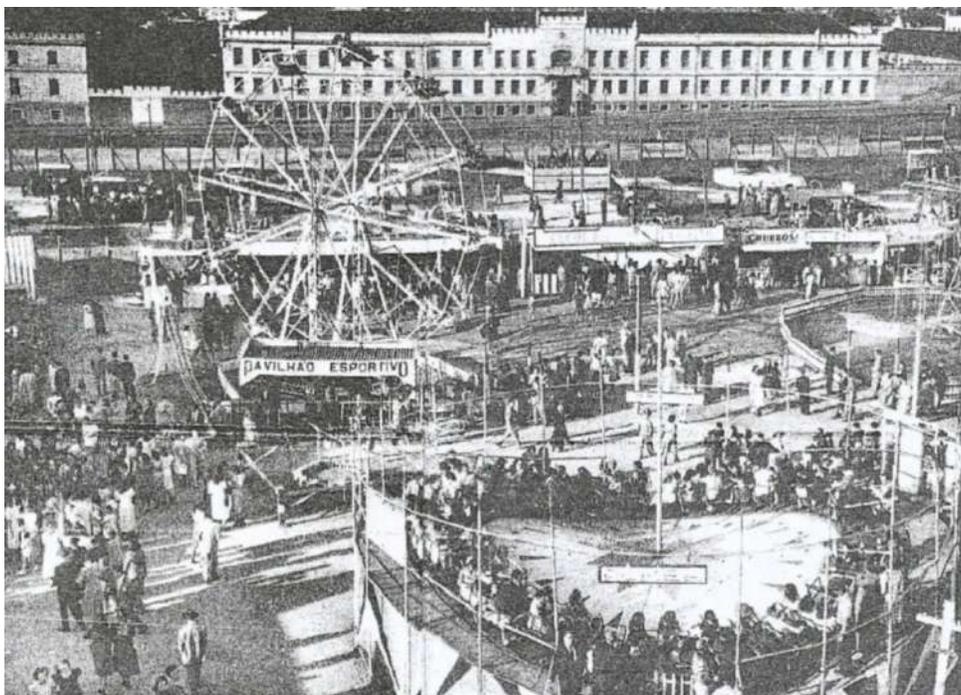
referência na Praça Rui Barbosa. Sua exata localização se deu onde hoje se encontra o Colégio São José. O edifício no qual o antigo Colégio Iguaçu funcionou, serviu como sede para o Hospital Militar durante os últimos anos do século XIX, assim como no local do depósito bélico, passou-se a funcionar o 3º Regime de Artilharia, transferido em 1975 para o bairro do Pinheirinho.



Fotografia 2 - Hospital Militar no século XIX
Fonte: Gazeta do Povo, 1991.

Em 1913, após a queda do império, a praça foi primeiramente intitulada de “Praça da República” e então em 1920, intitulada de “Praça Rui Barbosa”, como uma homenagem póstuma ao mais importante jurista, diplomata, político e patrono do Senado brasileiro, o baiano Ruy Caetano Barbosa de Oliveira.

No início dos anos 1920, a Praça Rui Barbosa tornou-se um dos favoritos locais da cidade para a instalação de exposições, feiras, circos e parques de diversão, e as próprias características físicas da área (vazia, ampla e de chão compacto, de terra) eram ideais para abrigar este tipo de eventos e tradições de grande porte.



Fotografia 3 - Atividades da Praça Rui Barbosa até final dos anos 1950
 Fonte: Gazeta do Povo, 1991.

Além da sua ocupação para fins militares e de entretenimento, a praça também abrigou um asilo, o São Luís, que teve seu funcionamento durante quase quarenta anos (1919-1956). Nos anos seguintes, o local deu lugar às principais instituições de ensino do Estado, como a Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC), que ali ficou instalada até 1977 e no início de 1980 foi demolida. Atualmente, a praça conta com a presença do Colégio São José, Iguaçu, Bom Jesus e a FAE Centro Universitário nos seus perímetros.

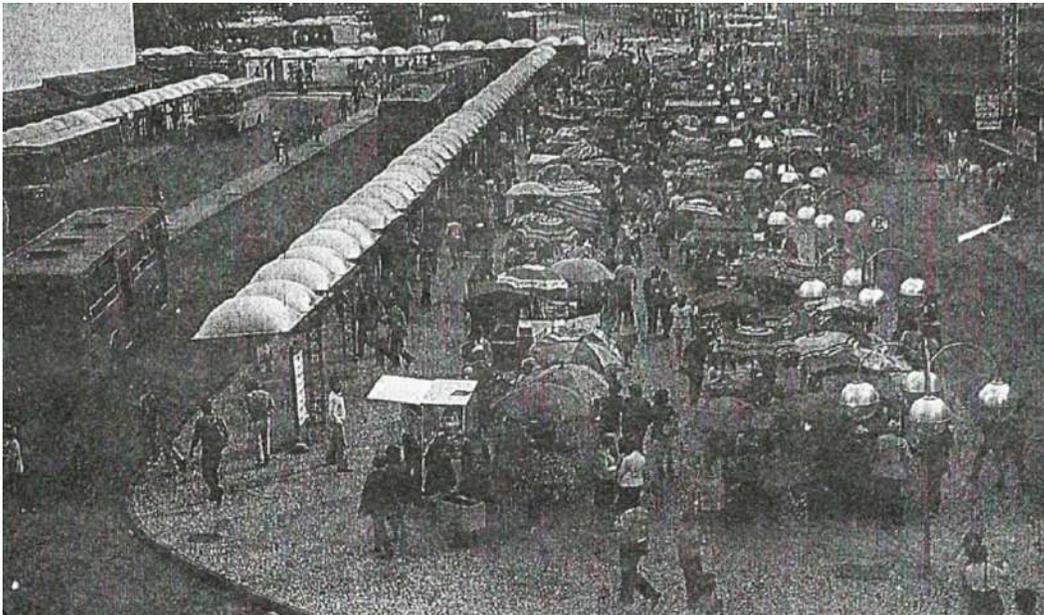
4.2.2 Comércio e seus Problemas na Praça Rui Barbosa

Ao final dos anos 1940 e início dos anos 1950, através de obras de revitalização realizadas pela gestão do então prefeito Ney Braga, o desenho urbano e características originais da praça modificaram-se, seguindo as transformações urbanísticas que a cidade passava. Numa dessas obras, por exemplo, a cidade perdeu o Teatro de Bolso de Curitiba, também conhecido como “Teatrinho da Rui Barbosa”, que funcionou por quase duas décadas como um dos principais centros culturais da cidade.

Em 1954, após uma série de trabalhos de revitalização, a vocação

Praça Rui Barbosa. Os autores Benatti e Sutil comentam que, em meados de 1970, foram construídos o terminal de ônibus e o Mercado Popular no local, incluindo estacionamentos, salões de convenções, lojas e galerias, que na época foram considerados um dos mais modernos e eficientes da região.

Na mesma época em que a Praça Rui Barbosa se ampliou e se modernizou, acabou ocorrendo de forma gradual a ocupação de mais de novecentos artesãos e comerciantes “informais” que vendiam seus produtos na área. Além disso, na mesma década, a presença de ambulantes que ali instalavam suas bancas como se numa autêntica feira ao ar livre, geraram um grande tumulto local. A extrema proximidade com os pontos de ônibus transformou a praça num local congestionado, cujo fluxo e passagem tornaram-se praticamente intransitável pelos usuários do transporte, pelos próprios clientes das feiras de artesanato e pontos de camelô.



Fotografia 4 - Comércio Ambulante da Praça Rui Barbosa
Fonte: Livro “Rui Barbosa: A Praça na Trilha do Tempo”, 1954.



Fotografia 5 - Feiras da Praça Rui Barbosa
Fonte: Jornal do Povo Paraná, 1980.

Segundo os autores, o caos resultante fez com que a Praça Rui Barbosa se tornasse temida pelos pedestres e usuários de ônibus, por conta de oportunistas, “trombadinhas”, moradores de rua e assaltantes; fato que reflete uma realidade ainda atual da praça. O aumento da violência, sujeira e prejuízo causado para o comércio foi tão notório que, com a revitalização de 1997 a prefeitura se viu obrigada a retirá-los da porção aberta, transferindo-os para o mercado central (dentro da Rua da Cidadania Matriz).

Como consequência, esta atitude trouxe uma drástica mudança visual e até mesmo de segurança para a praça. Incorporando aspectos paisagísticos, de circulação, redistribuição e modernização do design dos pontos de ônibus, melhorou a estética e funcionalidade do espaço. Atualmente, o complexo comercial da Praça Rui Barbosa abriga o Estacionamento Rui Barbosa, a Rua da Cidadania da Matriz e o Mercado Central:

- O estacionamento possui mais de 186 vagas e é operado e controlado pela URBS.

- A Rua da Cidadania da Matriz por sua vez, é a sede da administração regional e, portanto, responsável pela coordenação de secretarias e outros órgãos municipais.
- O Mercado Central conta com 49 lojas, o Restaurante Popular, a Unidade do Armazém da Família, sanitários públicos, o posto 24 horas da Guarda Municipal, o Centro de Atendimento da URBS (que coloca a disposição do usuário de transporte público, serviços de confecção, desbloqueio e segunda via do cartão transporte).

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA PRAÇA

4.3.1 Estatística da Praça Rui Barbosa

ÁREA ÚTIL	PAV. TÉRREO	PAV. SUPERIOR	TOTAL
Área das Lojas (36,00 x 60 unidades)	1800,00 m ²	360,00 m ²	2160,00 m ²
Sanitários (36,00 x 4 unidades)	72,00 m ²	72,00 m ²	144,00 m ²
Circulação	1008,00 m ²	140,0 m ²	1148,00 m ²
Escadas	144,00 m ²	144,0 m ²	288,00 m ²
Venda de Bilhetes	24,00 m ²	_____	24,00 m ²
Cinema (280,00 x 2 unidades)	_____	560,00 m ²	560,00 m ²
TOTAL	3048,00 m ²	1276,00 m ²	4324,00 m ²
ÁREA CONSTRUÍDA			
PAV. TÉRREO	3200,00 m ²	_____	3200,00 m ²
PAV. SUPERIOR	_____	1472,00 m ²	1472,00 m ²
TOTAL	3200,00 m ²	1472,00 m ²	4672,00 m ²
ESTACIONAMENTO	268 Automóveis		8136,00 m ²

(Número de Vagas)		
-------------------	--	--

Tabela 1 - Áreas do Complexo Comercial (Rua da Cidadania da Matriz)
Fonte: Dados obtidos do IPPUC em 2017.

ÁREA LIVRE (EXTENSÃO TOTAL)	22.095 m ²
------------------------------------	-----------------------

Tabela 2 - Área Total da Praça Rui Barbosa
Fonte: Dados obtidos do IPPUC em 2017.

4.3.1 Presença de Vegetação



Fotografia 6 - Concentração de Árvores e Vegetação na Praça Rui Barbosa
Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

Segundo a engenheira agrônoma da prefeitura de Curitiba Érika Mielke, no artigo “Plantas da Flora Brasileira Mudam Paisagem nos Parques”, 2010, publicado pela Associação Brasileira do Ministério Público do Meio Ambiente - ABRAMPA, a Praça Rui Barbosa, assim como outras da cidade - Praça 29 de Março, Carlos Gomes e Tiradentes - misturam plantas ornamentais e árvores nativas no paisagismo, como as Araucárias, Ipês (amarelo, branco e rosa), Paineiras, Angico,

Mielke explica que os custos atrelados à manutenção de espécies nativas são baixos, já que elas são mais rústicas, perenes e resistentes ao ataque de pragas e às intempéries climáticas, o que dispensa a utilização de adubos químicos, irrigação e reposição constante.

LEGE

NDA: Paineira (*Ceiba speciosa*), Tipuana (*Tipuana tipu*) e Angico (*Anadenanthera falcata*)



Araucárias (*Columbea angustifolia*)



Canteiros com gramados, heras e flores



Mapa 5 - Concentração de Árvores e Gramados na Praça Rui Barbosa

Fonte: Elaborado e editado pelo autor com base no mapa oficial do IPPUC, 2017.

Conforme observado na figura acima, a Praça Rui Barbosa tem características compositivas naturais bastante agradáveis, com árvores e vegetações de grande porte, concentradas nos canteiros da porção centro-oeste de seu perímetro. Contudo, é possível se observar que, o restante da área da praça fica seca, calçada com *petit-pavê*, e sem relação com a natureza, o que demonstra um ponto questionável de distribuição e arranjo paisagístico. A proposta de uma distribuição mais espraiada e homogênea seria válida para a revitalização da praça

assim como a aplicação de flores vibrantes e outras espécies vegetais que fazem falta no cenário da Rui Barbosa.

Além disso, observa-se também que o espaçamento entre as árvores na maior parte dos trechos é bastante próximo, e, portanto inadequados (não respeitando a distância mínima de 5,00 a 6,00 metros umas das outras). As copas das árvores são densas e de grandes dimensões, o que cria um efeito de “invólucro” na praça, bloqueando o campo visual em uma generosa faixa, e limitando a orientação de usuários não familiarizados com o local.

Se por um lado plantar árvores, junto às calçadas, traz benefícios inegáveis ao ambiente, por outro, os cuidados na escolha da espécie também merecem a devida atenção. Ao percorrer a praça, nota-se claramente que existe um problema de ordem físico-estrutural na implantação das árvores. Como se observa na imagem registrada abaixo, os troncos das árvores estão crescendo completamente inclinados e tendendo a desabar a longo prazo.



Fotografia 7 - Estado de Deteriorização das Árvores na Praça Rui Barbosa
Fonte: elaborado pelo autor, em 2017.

Foram aplicadas estacas de madeira para gerar um apoio extra às árvores, que ameaçam ceder devido ao seu peso próprio, e às intempéries decorrentes do clima da cidade. É interessante destacar também o fato de que algumas destas

árvores nem sequer foram plantadas sobre canteiros cujas áreas deveriam ter dimensionamentos mínimos de 1,00 m² e 2,00 m².

4.3.2 Análise de Fluxos de Veículos da Praça Rui Barbosa e Entorno

LEGENDA:

- Ônibus/Biarticulados
- Carros/Motos
- Acesso Exclusivo de Pedestres
- Areas de Convergência



Mapa 6 - Fluxo de Veículos das Ruas que Permeiam a Praça Rui Barbosa
Fonte: mapa elaborado e editado pelo autor com base em visita ao local em 2017.

Como visto acima, o fluxo de veículos domésticos, bem como a função de transporte público, são fortes características de identidade da Praça Rui Barbosa, funcionando como um grande núcleo conector do bairro centro e outros eixos urbanos da cidade de Curitiba.

Apesar disso, fica evidente o fato de que o entorno da praça é predominantemente voltado para os motoristas, ao invés dos pedestres. Não existem passagens ou caminhos ligando os lotes que circundam a praça, e nem na extensão da própria praça (que é descontinuada e separada em três pedaços) o que demonstra o perigo e insegurança durante estas travessias diárias.

4.3.3 Funções Socioeconômicas da Praça Rui Barbosa

LEGENDA:

- Comercial
- Residencial
- Misto
- Institucional



Mapa 7 - Mapeamento das Funções Socioeconômicas da Praça Rui Barbosa
Fonte: mapa elaborado e editado pelo autor com base em visita ao local em 2017.

Baseando-se no mapa acima, é perceptível que a praça tem seu entorno predominantemente comercial, com alguns estabelecimentos de função mista, enquanto que as instituições educacionais e religiosas, embora ocupem um loteamento amplo, não compõe majoritariamente a área analisada. A ocupação

residencial ocorre em sua maioria nos pavimentos superiores, devido ao fato de que não há a presença de edificações residências particulares, e, portanto nota-se um padrão geral do local (lojas no nível térreo seguido por apartamentos residenciais ou comerciais nos pavimentos acima). Na extensão da Praça Rui Barbosa em si, destaca-se a Rua da Cidadania como principal foco de vendas e prestações de serviços à comunidade.

4.3.4 Tipos de Estabelecimentos Instalados na Praça Rui Barbosa

LEGENDA:

 Banco	 Lojas de Peças e/ou Materiais de Construção
 Farmácia	 Hotéis
 Lanchonete	 Hospitais/Unidades de Saúde/Clinicas
 Lojas de Roupas	 Salão de Beleza/Lojas de Cosméticos
 Lojas de Sapatos	 Livrarias
 Camelódramas	 Igrejas
 Lojas Populares	 Alimentação/Restaurantes/Mercados
 Instituições de Ensino	 Correios
 Estacionamento	 Prédios Residenciais



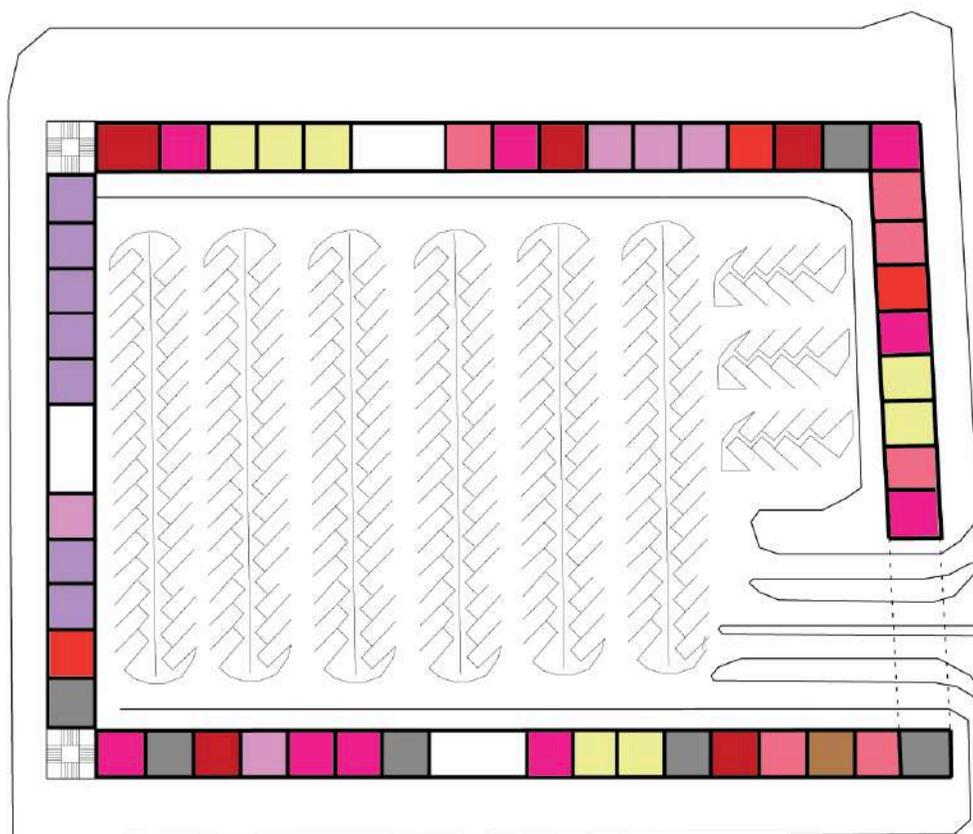
Mapa 8 - Mapeamento dos Estabelecimentos Comerciais do Entorno Imediato
Fonte: mapa elaborado e editado pelo autor com base em visita ao local em 2017.

Funcionalmente, percebe-se com base no mapa acima, que o entorno da praça é bem servido por comércio (especialmente aqueles relacionados ao setor varejista e de vestuário) e serviços básicos (correios, bancos, estacionamentos).

Apesar disso, é notória a alta repetição de segmentos comerciais oferecidos tanto no entorno da Praça Rui Barbosa como na Rua da Cidadania, conforme segue o mapa abaixo:

LEGENDA:

■ Prestação Pública de Serviço/ Casas Lotéricas	■ Lojas de Sapatos
■ Alimentação/ Restaurantes/ Mercados	■ Lojas Populares
■ Salão de Beleza/ Lojas de Cosméticos	■ Hospitais/ Unidades de Saúde/ Clínicas
■ Lojas de Roupas	■ Lanchonetes



Mapa 9 - Mapeamento dos Estabelecimentos Comerciais da Rua da Cidadania Matriz
Fonte: mapa elaborado pelo autor com base na planta original do IPPUC em 2017.

No complexo comercial, por exemplo, há a presença de mais de 10 salões de beleza, mais de 9 lojas de calçados e mais de 6 casas lotéricas concentradas lado a lado, e mais os camelódromos localizados no interior do mercado (cujos produtos comercializados são também do mesmo tipo encontrados do lado de fora).

Na área como um todo, existe uma clara deficiência de comércio e espaços para jogos, ou voltados ao esporte, cultura e lazer. Devido à instalação das escolas locais, existe um alto número de crianças e adolescentes, e é visível o desperdício

dos espaços da praça para atender as necessidades deste público alvo. Além disso, nota-se que neste entorno imediato existe a presença de somente duas livrarias (que são de natureza exotérica), e isso é mais um exemplo de má ocupação local, já que com tantos estudantes nas redondezas, a implantação de livrarias (com conteúdo didático) ou mesmo bibliotecas e/ou outros espaços para estudo em grupos seriam muito úteis e apropriados.

TIPOS	NOME DOS PRINCIPAIS ESTABELECIMENTOS	QUANT.
BANCOS	ITAÚ, CAIXA ECONÔMICA	2
FARMÁCIA	NISSEI, FARMÁCIA RUI BARBOSA, FARMÁCIAS SÃO JOÃO, MORIFARMA	6
LANCHONETE		15
LOJAS DE ROUPAS		18
LOJAS DE SAPATOS	SCARPINI, OMAR	20
CAMELÓDRAMOS	CENTRO DE DESCONTOS, METROPOLITAN SHOPPING	3
LOJAS POPULARES	CASA CHINA, PONTO DE VISÃO, OPTICAS VISOMAX, CASA DOS FUMOS E DOS ORIXÁS, OPTICA SANTA LUZIA	13
INSTITUIÇÕES DE ENSINO	COLÉGIO SESC SÃO JOSÉ, AUTO ESCOLA BELLO, AUTO ESCOLA CRISTO REI, BOM JESUS, FAE	5
LOJAS DE PEÇAS E/OU MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	BALAROTI, LOJA DE FECHADURA, CASA DO FOGÃO	5
HOTÉIS	HOTEL GUAÍRA	1
HOSPITAIS/ UNIDADES DE SAÚDE/ CLÍNICAS	CLÍNICA CLIP, SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE CURITIBA, CLINIPAN	7
SALÃO DE BELEZA/ LOJAS DE COSMÉTICOS	SPA DAS SOBRANCELHAS, MUSA COSMÉTICOS E PERFUMARIA, CASA COSTA	12
LIVRARIAS	LIVRARIA PAULUS, LIVRARIA EVANGÉLICA CANAÃ	2
IGREJAS	PARÓQUIA SENHOR BOM JESUS DOS PERDÕES	1
ALIMENTAÇÃO/ RESTAURANTES/	CARNES REGINA, SACOLÃO MATRIZ - FRUTAS E	12

MERCADOS	VERDURAS, MERCADO VINCE, SUBWAY	
CORREIOS	CORREIOS	1

Tabela 3 - Descrição das Principais Atividades Comerciais do Entorno e da Rua da Cidadania

Fonte: tabela elaborada pelo autor com dados baseados em visita ao local em abril de 2017.

4.3.5 Altimetria e Volumetria da Praça Rui Barbosa e Entorno Imediato

LEGENDA:

- ≥ 9 Pavimentos
- 5 a 8 Pavimentos
- 1 a 4 Pavimentos
- Estacionamentos



Mapa 10 - Altimetria dos Edifícios Comerciais e/ou Residenciais

Fonte: mapa elaborado e editado pelo autor com base em visita ao local em 2017.

Conforme observado no mapa de altimetria acima, nota-se um aspecto bastante positivo da Praça Rui Barbosa, que é o seu gabarito baixo. De um modo

geral, a praça e seu entorno possuem uma agradável composição física, já que na média, as suas edificações são de 4 a 5 pavimentos, o que segundo princípios estudados pelo autor Jan Gehl, garante uma boa interação das pessoas com o espaço público em termos emocionais e sensoriais (visuais, através de sons, cheiros etc).

O autor dinamarquês, já dizia em seu livro “Cidades para Pessoas (2010), que até o quinto andar as pessoas conseguiriam fazer parte da cidade, acima disso não se poderia mais ver ou estar em contato com o que se passa na cidade. Para ele, o que ocorre ao nível da rua, é essencial para a qualidade urbana, e este é um ponto positivo para a Rui Barbosa, pois demonstra um caráter democrático e de pertencimento aos seus usuários e moradores da região.

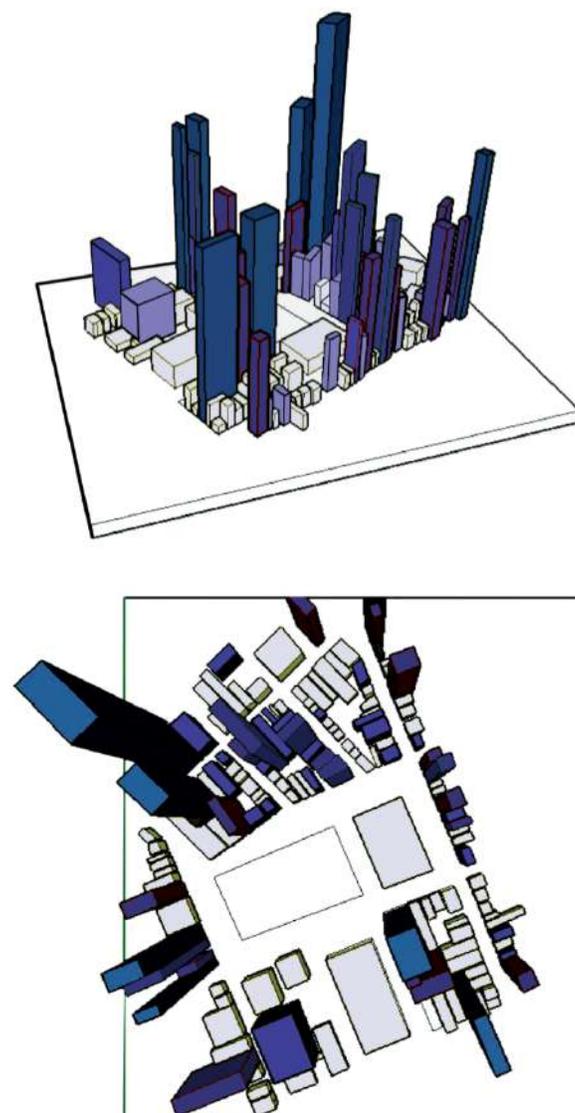


Figura 48 - Volumetria dos Edifícios Comerciais e/ou Residenciais

Através do mapa de volumetria acima, observa-se que os edifícios de maior escala encontram-se mais afastados do entorno imediato da Praça e num arranjo mais descontínuo e disperso, e por esta razão, não geram um efeito de “ilhamento” ou de “bloqueio”, assim como não chegam a interferir em aspectos visuais, ou de iluminação, sombreamento etc.

4.3.6 Fluxo de Pedestres na Praça Rui Barbosa e Entorno Imediato

LEGENDA:

-  Fluxo Intenso
-  Fluxo Médio
-  Fluxo Baixo



Mapa 11 - Nível de Fluxo e Principais Caminhos dos Transeuntes
Fonte: elaborado e editado pelo autor com base no mapa da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMMA) e em visita ao local em 2017.

O mapa de fluxo acima demonstra as porções da praça e do entorno onde ocorrem os maiores e menores trânsitos de pedestres. É notável que, nas vias principais que circundam a Praça Rui Barbosa (Avenida Desembargador Westphalen, Rua André de Barros e Rua 24 de Maio) existe uma alta concentração de transeuntes, assim como nas áreas da praça em que os terminais tubos de ônibus se localizam. Este cenário reforça o caráter transitório, e a noção de que a praça tem como função primária o transporte, e de que seus usuários de fato, apenas cruzam o seu território, mas não permanecem nele.

Outro aspecto importante que o fluxo acima demonstra, é o fato de que a Implantação da Rua da Cidadania representa uma barreira/ bloqueio físico na extensão da praça. Os fluxos deixam claro que os pedestres fazem um contorno em volta do complexo comercial, sendo impedidos de cruzarem o mesmo trecho em seu curso natural ou de forma linear. Embora existam entradas entre a praça e a rua da cidadania, por motivo de desconhecimento ou desconforto dos usuários, eles acabam não cortando a praça pelas passagens internas do mercado. Outro fato é que a edificação se apresenta como uma barreira visual, não permitindo ao pedestre, que circula pela Westphalen, participar do que acontece na Praça

Tomando esta lógica de análise, percebe-se também que a força que a Rua da Cidadania exerce em termos “sólidos” e de “matéria”, representa uma espécie de paredão/obstáculo e desconexão entre a Praça Rui Barbosa e a Avenida Westphalen. De acordo com os princípios apontados por Jan Gehl, para um modelo ideal de cidade, a “caminhabilidade” e a capacidade de ver (linhas de visão desobstruídas) são elementos necessários para a saúde dos espaços públicos, como é o caso da praça.

4.3.7 Pavimentação

LEGENDA:



Mapa 12 - Tipos de Piso da Praça e do Entorno Imediato

Fonte: mapa elaborado e editado pelo autor com base em visita ao local em 2017.

A Praça Rui Barbosa, a quadra posterior, frontal e à esquerda (na Rua 24 de Maio, Av. Desembargador Westphalen e Pedro Ivo, respectivamente) têm suas áreas compostas completamente por *petit-pavê*. A escolha deste piso se dá pelo fato de que o *petit-pavê* é um calçamento típico da cultura curitibana, suas pedras pretas e brancas de calcário contam um pouco da história e dos elementos naturais do estado do Paraná, como as araucárias.

O fato polêmico, porém, é que, em termos funcionais, o seu uso divide opiniões dentre os profissionais de infraestrutura urbana e arquitetos. Alguns apontam que sua aplicação é feita geralmente de forma imprópria, e que, portanto,

observa na fotografia abaixo existe trechos da praça em que há uma intensa deterioração no piso:



Fotografia 8 - Degradação do Calçamento em Petit-Pavê na Praça Rui Barbosa
Fonte: elaborado pelo autor com base em visita ao local em 2017.



Fotografia 9 - Canteiro e calçamento degradados pelas raízes da árvore
Fonte: elaborado pelo autor, em maio de 2017.

Para a revitalização das calçadas da praça, podem ser propostos pisos de concreto intertravado, que são tecnicamente mais resistentes e apropriados para áreas de alto fluxo de pedestres. Além disso, a aplicação de pisos diferenciados pode contribuir em termos de identificação visual, orientação e hierarquia.

4.3.8 Corte e Topografia da Praça Rui Barbosa

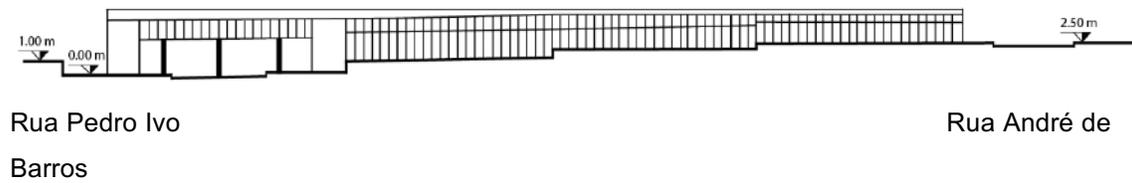
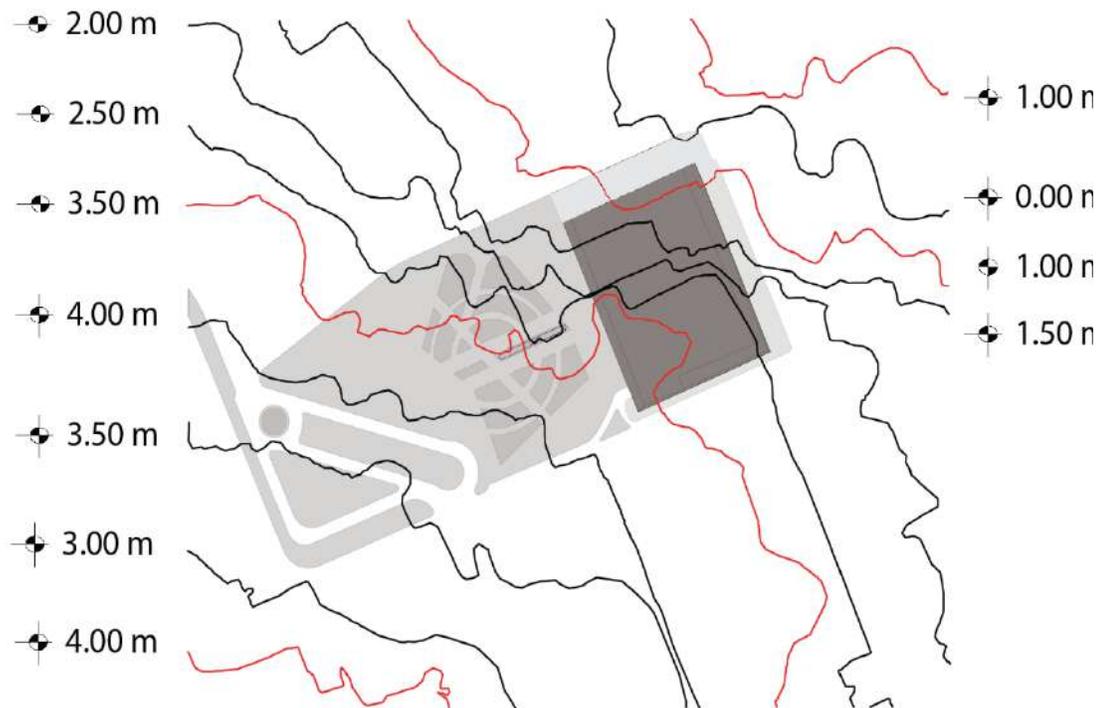
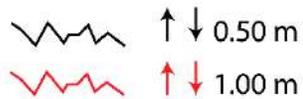


Figura 49 – Corte Longitudinal do Terreno da Praça Rui Barbosa
 Fonte: mapa elaborado e editado pelo autor com base no arquivo obtido pelo IPPUC em 2017.

LEGENDA:



Mapa 13 - Curvas de nível do Terreno da Praça em Planta
 Fonte: mapa elaborado e editado pelo autor com base no arquivo obtido pelo IPPUC em 2017.

Com base no mapa acima, observa-se uma acentuada declividade no terreno da Praça Rui Barbosa, ela se inicia na Rua André de Barros (ponto mais alto de 2,50 metros) e finaliza na Rua Dr. Pedro Ivo (no nível 0,00 metros). A maneira que o usuário percorre a praça é suave, não sendo um desnível abrupto.

Esta característica do solo, na praça, poderia ser utilizada de modo a se tirar partido numa futura revitalização. Os rebaixamentos funcionam também como instrumento de hierarquização e setorização das atividades que acontecem na praça.

4.3.9 Mobiliário Urbano

LEGENDA:



Mapa 14 - Bancas de Jornal, Floreiras, Canteiros e Chafariz Desativado da Praça Rui Barbosa

Fonte: mapa elaborado e editado pelo autor com base em visita ao local em 2017.

O mapa acima demonstra que a Praça Rui Barbosa é bem guarnecida de vendas pontuais (bancas de jornal ou quiosques) em sua extensão como um todo. Já em termos paisagísticos, nota-se uma falta de elementos vegetais compositivos na praça, como floreiras, plantas de pequeno e médio porte, e gramados. Os

contorno da praça ou que respeitasse mais os caminhos oriundos do fluxo e circulação dos pedestres, ao invés de ficarem centralizados de forma arbitrária.

Além disso, na área central da praça, existe um chafariz que acaba nem chamando a atenção dos usuários da praça, primeiramente por estar desativado e também por estar localizado na mesma porção dos canteiros e das árvores, que acabam gerando um sombreamento e bloqueio visual. Percebe-se uma forte ausência de elementos de água na praça, como aspersores, espelhos d'água, chafarizes, que seriam bastante interessantes tanto por motivos estéticos (para deixar a praça mais vibrante e harmoniosa), quanto funcionais (para criar micro climas mais agradáveis e umidificar o ambiente no verão, por exemplo).

LEGENDA:



Mapa 15 - Tipos de Lixeiras da Praça

Fonte: elaborado e editado pelo autor com base em visita ao local em 2017.

Verifica-se, no mapa acima, que os equipamentos urbanos de higienização da Praça Rui Barbosa são distribuídos de maneira adequada na maior parte de seu perímetro. O arranjo das lixeiras individuais metálicas é feito de forma a contornar linearmente a área da praça, num distanciamento de aproximadamente 8,00 metros umas das outras. As lixeiras metálicas vazadas duplas, bem como as lixeiras de madeira (por terem maior capacidade de armazenagem de lixo) encontram-se no eixo central da praça, e as lixeiras de coleta seletiva no eixo oeste da praça.

Como se pode inferir pela fotografia abaixo, contudo, existe um certo descuido dos usuários e da prefeitura com a deposição de dejetos nos canteiros da

praça. Verifica-se também um problema de ordem social alojado na Rui Barbosa, que é o fato de que muitos moradores de rua e indivíduos desprivilegiados usam estes espaços para atividades inapropriadas, deixando seus resíduos espalhados, ainda que haja uma grande quantidade de lixeiras dispostas por perto.



Fotografia 10 - Lixos Espalhados pelos Canteiros da Praça Rui Barbosa
Fonte: elaborado pelo autor, em maio de 2017

LEGENDA:

Bancos de
MadeiraEstação Tubo
de ÔnibusPontos
Convencionais

Mapa 16 - Bancos e Pontos de Ônibus da Praça Rui Barbosa
 Fonte: elaborado e editado pelo autor com base em visita ao local em 2017.

Com relação aos equipamentos de espera (bancos de madeira), nota-se pelo mapa acima que as suas concentrações se dão junto aos canteiros e árvores, o que é um ponto positivo na Praça Rui Barbosa, já que as árvores (juntamente com outras vegetações de baixo porte) proporcionam uma área sombreada, fresca e agradável para o descanso do usuário.

A crítica sobre este aspecto, porém, é o fato de que nos locais onde se encontram os pontos de ônibus não existe nenhum tipo de banco ou assento para a espera, e isso é uma ironia levando em conta que a espera pelo transporte coletivo

foto abaixo, alguns usuários da praça acabam sentando até mesmo sobre os canteiros na espera de seus ônibus:



Fotografia 11 - Usuários Sentados nos Canteiros Devido à Ausência de Assentos
Fonte: elaborado pelo autor, em 2017.

Outro aspecto importante a se notar, é o fato de que não há a presença de mesas em parte alguma da praça, o que denota mais uma vez a noção de que a Rui Barbosa é uma praça de transição, mas não de permanência. Mesas com bancos são mobiliários urbanos básicos para o estabelecimento de uma convivência social (encontros, reuniões).

Em relação ao transporte público na Praça Rui Barbosa, verifica-se pelo mapa que o local funciona como um grande terminal à céu aberto, como um ponto nevrálgico de conexões do bairro centro e dos demais bairros. A área da praça é bem servida, dispondo de linhas circulares, linhas expressas, linhas diretas, linhas convencionais, linhas troncais e linhas “madrugueiras”, totalizando cinquenta e cinco tipos diferentes de linhas.

4.4 ILUMINAÇÃO



Mapa 17 - Equipamentos de Iluminação da Praça Rui Barbosa
Fonte: elaborado e editado pelo autor com base em visita ao local em 2017.

Como se pode observar no mapa acima, a Praça Rui Barbosa possui equipamentos de iluminação principalmente na área central (adjacente aos seus canteiros e árvores) e em seu contorno. O tipo de luminária mais presente é a de haste metálica com suporte em pétalas (400 Watts de vapor metálico de sódio) e possui uma coloração amarelada.

Sua disposição na praça segue uma lógica linear com um espaçamento de aproximadamente 10,00 metros de um poste para o outro (o que é um padrão para espaços públicos em Curitiba), porém conforme se verificam acima, alguns trechos da praça encontram-se sem a quantidade adequada destas luminárias, como na face leste do Mercado Central (trecho da Av. Desembargador Westphalen e Rua André de Barros).

4.4.1 Experimento, Contextualização e Crítica

Para a determinação e análise do nível de luminância da Praça Rui Barbosa durante o período noturno, utilizou-se o luxímetro eletrônico “Instrutherm” (versão LD-200), obtido pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O luxímetro é um dispositivo eletrônico com funções similares à de um mini amperímetro, que através de um sensor interno ligado a uma célula fotoelétrica, é capaz de medir a densidade luminosa de um ambiente interno ou externo.

A maneira pela qual as medições foram efetuadas respeitou os critérios estabelecidos pela NBR 15215, que leva em consideração a escala de leitura, a exposição do aparelho, posição do sensor (que deve ser paralelo e na altura dos olhos do observador) e o número de medições executadas em vários pontos.



Fotografia 12 - Luxímetro Utilizado para o Experimento
Fonte: elaborado pelo autor em 2017.



Fotografia 13 - Luxímetro vista posterior
Fonte: elaborado pelo autor em 2017.



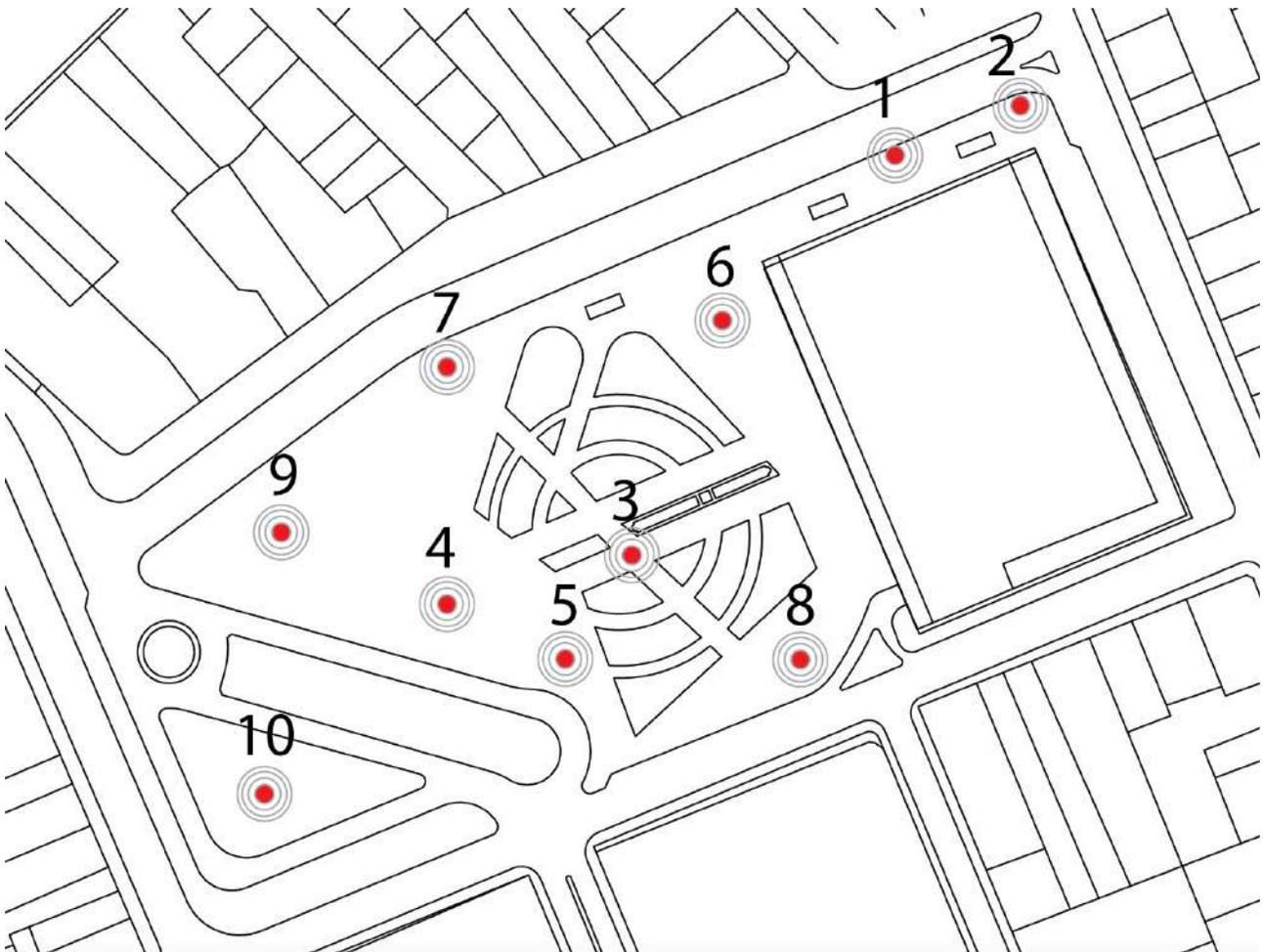
Fotografia 14 - Realizando Medições
Fonte: elaborado pelo autor em 2017.

Conforme esquematizado no mapa abaixo, os locais escolhidos para a medição de iluminação foram as porções oeste, central e leste da praça, mediante a distribuição dos elementos físicos e mobiliário urbano da praça.

Com a finalidade de analisar a qualidade da experiência do usuário e consumidor de serviços da praça, na porção leste, realizaram-se medições nos pontos adjacentes à fachada do complexo comercial, bancas de jornal e pontos de ônibus. Na porção central do terreno também foram executadas medições devido à maior concentração de bancos, vegetação e árvores. Por último, o experimento orientou-se para a porção oeste, onde se verifica a instalação das vias expressas (canaletas) e estações tubo e, portanto, demanda uma iluminação adequada. As áreas periféricas do entorno não foram medidas, pois não fazem parte do raio imediato da Praça Rui Barbosa, que é o objeto estudado.

LEGENDAS:

- 1 e 6: Bancas de Jornal;
- 2: Pontos de Ônibus;
- 3: Eixo Central e Estátua do Corpo de Bombeiros;
- 4 e 7: Árvores;
- 5: Bancos da Praça;
- 8: Complexo Comercial;
- 9 e 10: Estação Tubo;



Mapa 18 - Locais de Medição

Fonte: mapa elaborado e editado pelo autor com base no arquivo obtido pelo IPPUC em 2017.

LUMINOSIDADE RECOMENDADA	LUMINOSIDADE VERIFICADA (LUX)	
	HORÁRIOS	
5 à 10 (LUX)		
LOCAL	19:00 – 20:00 horas	21:00 – 22:00 horas
PONTOS DE ÔNIBUS	0.95	0.70
BANCA DE JORNAL	2.60	1.80
EIXO CENTRAL	4.30	4.21
BANCOS DA PRAÇA	4.80	4.60
ÁRVORES	0.90	0.81
ESTÁTUA BOMBEIRO	1.40	1.39
ESTAÇÕES TUBO	9.81	9.79
COMPLEXO COMERC.	5.10	4.91

Tabela 4- Dados obtidos pela utilização do luxímetro eletrônico “Instrutherm”
 Fonte: elaborado pelo autor em 2017.

Na conjuntura da Praça Rui Barbosa, especialmente no período noturno, pode-se facilmente observar pela fotografia 15, que a mesma carece de uma iluminação que traga sensações de conforto, satisfação ou segurança, bem como deixa a desejar no que diz respeito à sua funcionalidade, já que uma das principais atividades vinculadas à praça são basicamente o transporte e a espera nos pontos de ônibus.



Fotografia 15 - Pontos de Ônibus
Fonte: elaborado pelo autor em 2017.

O sistema de transporte de Curitiba não somente opera durante o expediente comercial e noturno, mas também durante a madrugada. Conhecidos como “madrugueiros”, a cidade possui cerca de 30 linhas (13 somente na praça), que fazem 97 viagens por noite e circulam entre 01h00 e 05h00 horas da manhã, segundo consta no website oficial da URBS e da Gazeta do Povo.

Quase a metade destas linhas de transporte “madrugueiras”, são servidas pela Praça Rui Barbosa, mas mesmo assim, com base na imagem retratada é visível o descuido com a iluminação das áreas de espera da praça, e embora os pontos de ônibus devessem oferecer iluminação reforçada ao usuário, o que notamos na fotografia 15 é um intenso sombreamento na porção inferior à cobertura dos pontos, criando-se uma faixa escura que corrobora num aspecto visual de perigo e insegurança.

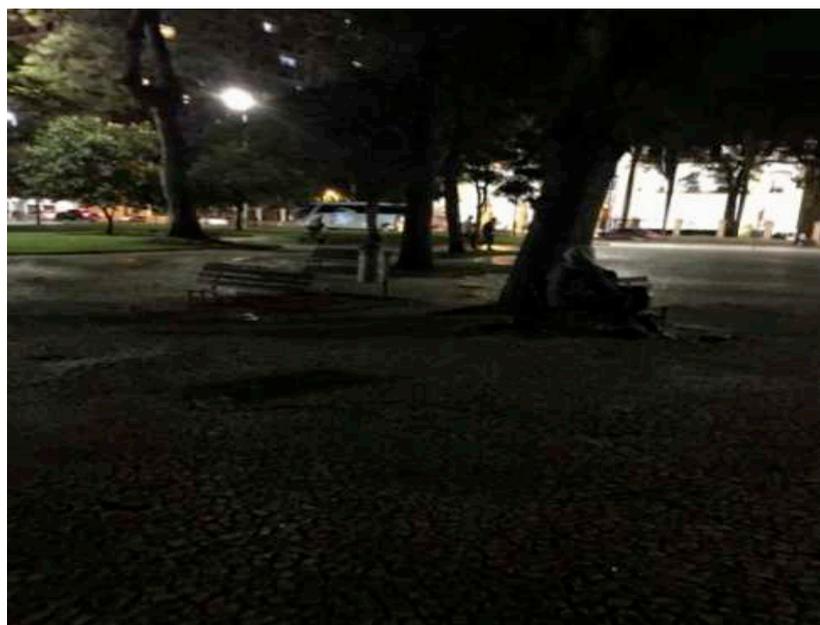


Fotografia 16 - Luz Proveniente das Bancas de Jornal e Comércio Local
Fonte: elaborado pelo autor em 2017.

Nota-se pela fotografia 16, que a Praça Rui Barbosa possui um grau de dependência bastante elevado com seus estabelecimentos comerciais locais. Após o seu expediente comercial, por volta das 18h30 às 19h00 horas, a praça perde muita luminosidade, dependendo então, exclusivamente de seus postes de iluminação, ou mesmo das luzes interiores e dos faróis dos ônibus que ali circulam. Tais constatações demonstram que, os equipamentos de iluminação encontram-se inadequados, ou em situação deficitária, ou ainda, isto indica que a presença de um comércio noturno ou 24 horas poderia ser impulsionada nesta área para contribuir com o fator de luminância como um todo.



Fotografia 17 - Arborização e Espaços de Convivência
Fonte: elaborado pelo autor em 2017.



Fotografia 18 - Bancos mal iluminados
Fonte: elaborado pelo autor em 2017.

Pelo registro da fotografia 17 e 18, evidencia-se a relação entre as áreas verdes e a iluminação da praça, da presença de arborização e dos espaços de convívio da praça. Nota-se que os restritos setores com bancos na praça têm a sua colocação adjacente ou embaixo de árvores e sobre gramados, muito provavelmente para proteção contra os raios solares durante o dia, porém a

densidade com que estas árvores permeiam o ambiente o torna demasiadamente escuro e turvo.

Conforme verificado na pesquisa acadêmica sobre a Praça Eufrásio Correia, na disciplina de Patrimônio Cultural e Restauro 2 - realizada pelo autor e ministrada pelas professoras e doutoras Giceli Portela e Rafaela Fortunato, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - nota-se uma similaridade com a Praça Rui Barbosa no que diz respeito à concentração e à proximidade entre as árvores na praça, que juntamente com a dimensão exacerbada de suas copas, funcionam de forma inadequada para a atmosfera da região pois atuam como imensos invólucros que encobrem a penetração de luz natural e a dispersão de iluminação artificial, e conseqüentemente inibem as atividades de seus usuários.



Fotografia 19 - Vista de cima da Praça Eufrásio Correia
Fonte: Yelp.com, 2017.

Esta falta de clareza e nitidez nestes locais cria um ambiente propício para a realização de atividades inapropriadas, ilegais e muitas vezes criminosas, fato que distancia ainda mais o usufruidor da praça.



Fotografia 20 - Estação tubo em frente à Praça Eufrásio Correia
Fonte: Yelp.com, 2017.



Fotografia 21 - Postes de Luz e Monumento
Fonte: elaborado pelo autor em 2017.

Em relação à legibilidade, visualização do espaço e de seus monumentos, a praça apresenta insuficiências óbvias. Observa-se na fotografia 21, por exemplo, que dificilmente pode-se fazer o reconhecimento da estátua alusiva ao centenário do Corpo de Bombeiros do Paraná, onde deveria haver um destaque durante a noite. Nota-se que não existe uma preocupação muito aparente com a estética e adorno da luminosidade na praça.



Fotografia 22 - Iluminação Inadequada e Bloqueada
Fonte: elaborado pelo autor em 2017.

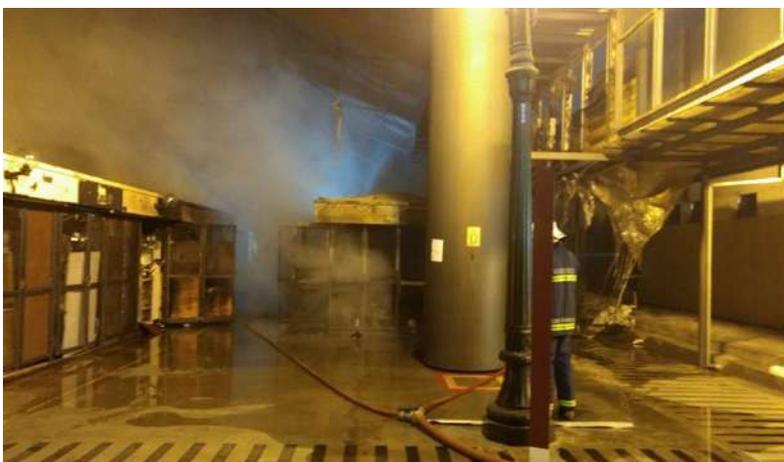
Na figura 23, observa-se que o alcance luminoso dos postes de luz é ineficaz, com um brilho intenso e uma incidência que ocorre de maneira difusa e orientada para o hemisfério superior. Tais instalações vão contra os preceitos estabelecidos na obra da autora Lúcia Mascaró que afirma que a iluminação mais adequada deve ter uma projeção descendente e perpendicular ao passeio. Além disso, contrariando-se as recomendações abordadas no livro “A iluminação do Espaço Urbano”, a folhagem da copa das árvores bloqueia a propagação dos raios luminosos, pois não há uma iluminação em segundo nível ou com projetores ascendentes.

4.5 INSEGURANÇA E MEDO

Com base em visitas à Praça Rui Barbosa, assim como notícias publicadas pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC) e Tribuna do Paraná, é notório que o local precisa de uma intervenção a fim de que sua insegurança e degradação sejam resolvidas. Um fato bastante recente, que ocorreu na madrugada do dia 31 de abril de 2017, foi o incêndio da Rua da Cidadania na Matriz, cujas causas são possivelmente a má manutenção e conservação dos equipamentos elétricos e anti-



Fotografia 23 - Rua da Cidadania em Chamas
Fonte: G1.GLOBO, em 2017.



Fotografia 24 - Estragos causados pelo incêndio
Fonte: G1.GLOBO, em 2017.

De acordo com a polícia civil e o corpo de bombeiros, as chamas teriam consumido cerca de 18 dos 250 boxes da área comercial, causaram prejuízos ainda não contabilizados pelos lojistas e impediram o funcionamento de diversos serviços públicos prestados na Rua, que funciona como um braço da administração municipal.

Na madrugada seguinte (do dia 01 de junho de 2017), outro ocorrido preocupou os usuários da Praça Rui Barbosa, a queda de uma árvore de grande porte despencou sobre a calçada após uma forte noite de chuva. De acordo com os engenheiros florestais, a árvore era uma Tipuana com cerca de 20 metros de altura.



Fotografia 25 - Queda de Árvore na Praça Rui Barbosa
Fonte: Tribuna do Paraná, 2017.

E outro caso assustador ocorrido na noite do dia 29 de abril de 2017, também na área da Praça Rui Barbosa, foi o esfaqueamento, seguido de degolamento de um homem que teria sido vítima de uma tentativa de assalto. O crime foi cometido por cerca de 6 moradores de rua do local, e seguido por um arrastão onde houve a tentativa de assalto de uma segunda vítima na mesma noite.



Fotografia 26 - Homem Degolado na Praça Rui Barbosa
Fonte: G1.GLOBO

Logicamente, neste último caso, existem muitas variáveis de cunho social

acontecimento demonstra o fator psicológico de abandono, mal-estar e insegurança na área, assim como reforça a necessidade de uma revitalização. O projeto de revitalização não tem o poder de sanar problemáticas sociais como a violência urbana ou a situação de empobrecimento dos moradores de rua, mas pode sim, contribuir para melhorar (fisicamente) e minimizar a atmosfera de medo da praça.

4.6 ENTREVISTAS

Foram realizadas algumas entrevistas no local da Praça Rui Barbosa e entorno imediato para confirmar ou não as constatações anteriores oriundas das pesquisas e mapeamento físico do local. Moradores, estudantes e transeuntes foram o público alvo para a entrevista já que presenciam numa base regular e, portanto, têm mais familiaridade com a região. O foco das questões foi a sensação de conforto e segurança da Praça, da Rua da Cidadania e dos arredores.

A identidade dos entrevistados é verdadeira, e as informações relatadas têm sua publicação autorizada por todos, dado que os fins são meramente acadêmicos.

NOME	Fernanda
IDADE	23 anos
PROFISSÃO	Estudante
ATIVIDADE NA PRAÇA RUI BARBOSA	Transeunte
Para a estudante que passa ocasionalmente pela praça, não existe um sentimento tão grande de insegurança. Ela considera o local satisfatório, ao contrário da maioria dos usuários que se sentem desconfiados e inseguros especialmente a noite.	

NOME	Josefina
IDADE	43 anos
PROFISSÃO	Comerciante
ATIVIDADE NA PRAÇA RUI BARBOSA	Trabalha
Esta senhora é comerciante numa loja de produtos naturais dentro do Centro	

Comercial Rui Barbosa, e diz que a praça é um ponto central onde tudo está localizado e por onde todos passam. Para ela, existe sim um problema grave com a segurança da praça, que embora presente é ineficiente, tanto que sua loja já foi assaltada duas vezes em 2014.

NOME	Aparecida
IDADE	52 anos
PROFISSÃO	Comerciante
ATIVIDADE NA PRAÇA RUI BARBOSA	Trabalha
Trabalha há quase 18 anos na região, e inclusive participou da mudança da feira de rua para o Mercado Central. Comentou que, no início o Centro Comercial Rui Barbosa não tinha visibilidade e nem era muito conhecido, mas acredita que com o tempo, virou um marco da área e até um ponto turístico conhecido no país. Para ela, a segurança dentro do Mercado é boa mas nos arredores não.	

NOME	Erick
IDADE	22 anos
PROFISSÃO	Estudante
ATIVIDADE NA PRAÇA RUI BARBOSA	Reside no local
O estudante considera a Praça Rui Barbosa muito perigosa, e inclusive tem planos para se mudar da região. Por ser usuário do sistema de transporte instalado nas estações tubo da área, reclama que falta calçada que direcione o tráfego de pessoas para os lados dos tubos. Ele comenta que a praça é confusa e com muito obstáculo.	

NOME	Guilherme
IDADE	25 anos
PROFISSÃO	Estudante
ATIVIDADE NA PRAÇA RUI BARBOSA	Transeunte

BARBOSA

O estudante admite sentir medo e insegurança ao adentrar a área da praça, e costuma caminhar de forma mais rápida durante seus trechos em direção ao campus centro da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ele comenta que, especialmente durante o período noturno, falta um uso na praça, como bares, cafés, e acrescenta também que se necessita uma melhoria do piso, mobiliário urbano e iluminação.

5. DIRETRIZES PROJETUAIS

Embasando-se nas definições técnicas e teóricas analisadas na conceituação temática, nos programas e qualidades físicas verificados nos estudos de caso e a leitura prática gerada pela interpretação da realidade, é possível a definição e estabelecimento de estratégias projetuais para a continuidade deste trabalho. As estratégias a serem adotadas serão as seguintes:

- Propor a transferência dos pontos de ônibus para uma estação subterrânea;
- Propor a recuperação e preservação das árvores da Praça Rui Barbosa;
- Preconizar o acesso aos pedestres através do calçamento das vias exclusivas dos ônibus;
- Propor a implantação de áreas molhadas, de lazer, esportivas, acessos e melhorias da sinalização (travessias elevadas, rampas para cadeirantes) da praça com seu entorno;

- Rever a setorização dos pontos de ônibus e estações tubo em relação à praça.
- Propor a criação de uma edificação social destinada aos moradores de rua e carrinheiros;
- Projetar uma academia ao ar livre e áreas de relaxamento para o público usuário do Hospital Santa Casa;
- Redefinir o layout dos canteiros centrais para conformar as árvores;
- Prever a ampliação, melhoria, implementação e renovação dos equipamentos urbanos e de iluminação;
- Postos policiais para estabelecer uma fiscalização e acompanhamento mais rígido do comércio ilegal e segurança na região;

6. PROPOSTA

Baseado em todos os elementos e levantamentos oriundos da pesquisa, cujo o assunto central foi a modernização e revitalização da Praça Rui Barbosa, em Curitiba, se foi traçado e desenvolvido um projeto urbanístico, paisagismo e arquitetônico para o local que hoje abriga um dos maiores terminais de ônibus de Curitiba. Por meio de premissas que vão de encontro com o programa de necessidades e as diretrizes projetuais apresentadas no capítulo acima, se é proposta então a criação e implantação de uma estação de ônibus subterrânea que receberá todas as linhas convencionais e troncais do terminal (anteriormente localizados nas porções periféricas da praça), deixando o nível térreo da praça mais seguro e livre para a circulação dos transeuntes. Esta estação subterrânea contará com uma plataforma central para espera, embarque e desembarque de passageiros, bem como áreas de convivência, lazer, e lojas para comércio

A redefinição do layout dos canteiros centrais da praça, também foi um forte norteamento do projeto, devido a necessidade em recuperação e preservação das espécies vegetais e árvores tombadas de grande porte da Praça Rui Barbosa, e isso acaba trazendo um caráter mais moderno e convidativo aos usuários e novos usuários da praça, o que consequentemente trará mais vitalidade e visibilidade para o tão tradicional local da cidade. Tornou-se também um importante foco do projeto, a implantação de setores de lazer, de esportes e recreação destinados a um público mais jovem (visando uma maior ocupação a apreciação da praça), e incluir áreas mais funcionais e de relaxamento para uma fatia mais vulnerável da sociedade (que se sente marginalizada ou negligenciada) ser integrada e representada pela praça.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indiscutivelmente, o urbanismo e o paisagismo são mecanismos e instrumentos fundamentais na organização e estrutura de uma cidade e seus espaços. Independentemente da região, cultura, religião, história ou fatores de naturezas diversas, estas duas esferas do conhecimento estão sempre marcadas e utilizadas como diretrizes determinantes no planejamento social e espacial.

Para espaços públicos como a Praça Rui Barbosa, a aplicação de técnicas urbanísticas e paisagísticas representam uma real possibilidade de recuperação da vitalidade física, assim como atender aos anseios pessoais e emocionais daqueles que frequentam o local e suas redondezas. A idéia de se voltar um pouco ao tempo e requalificar a praça (de modo a deixá-la com certas características que ela costumava ter) é outro elemento compartilhado por estas duas áreas, além do restauro patrimonial.

Espera-se, através do presente estudo, que a Praça Rui Barbosa alcance com sucesso uma remodelação consciente, segura e funcional, mantendo e preservando seus elementos marcantes e implementando características novas e ousadas, de forma a destacá-la sem causar prejuízos de nenhuma natureza.

8. REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15215: **Iluminação Natural**. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 5101: **Iluminação Pública – Procedimento**. Rio de Janeiro, 2012.

ABRAMPA - Associação Brasileira do Ministério Público do Meio Ambiente. **Plantas da Flora Brasileira Mudam Paisagem nos Parques, 2010**. Disponível em: <<https://abrampa.jusbrasil.com.br/noticias/2164921/plantas-da-flora-brasileira-mudam-paisagem-nos-parques>> Acesso em: Abr. 2017.

ANNEEL - Agência Nacional de Energia Elétrica. Disponível em: <<http://www.aneel.gov.br/informacoes-tecnicas>> Acesso em: Abr. 2017.

BARRA, Eduardo. **Paisagens Úteis: Escritos sobre Paisagismo**. São Paulo, 2006.

BEM PARANÁ. **Homem é degolado na Praça Rui Barbosa**. Curitiba, 2017. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/noticia/500337/homem-e-morto-degolado-em-plena-praca-rui-barbosa-em-curitiba>> Acesso em: Jun. 2017.

BENATTI, Antonio Paulo.; SUTIL, Marcelo Saldanha. **Rui Barbosa: A Praça na Trilha do Tempo**. Curitiba, 1996.

BEZERRA, Aline M. M.; CHAVES, César R. C. **Entendendo o Processo de Requalificação da Paisagem**. Artigo Científico, 2014. Disponível em: <<http://www.undb.edu.br/publicacoes/arquivos/>> Acesso em: Abr. 2017.

BURKE, Edmund. **Ideas of the Sublime and Beautiful**. Irlanda, 1757. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/15043/15043-h/15043-h.htm>> Acesso em: Abr. 2017.

CARTA DE ATENAS, 1933.

CONFEA - Conselho Federal de Engenharia e Agronomia. **Guia Prático de Acessibilidade**. Disponível em: <http://www.confea.org.br/media/cartilha_acessibilidade > Acesso em: Abr. 2017.

COPEL - Companhia Paranaense de Energia. **Manual de Iluminação Pública**. 1998. Disponível em: < [http://www.iar.unicamp.br// pdf](http://www.iar.unicamp.br//pdf) > Acesso em: Abr. 2017.

DIZERÓ, Joselle Davanço. **Praça do interior paulista: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP**. Dissertação de Mestrado, 2006.

GAZETA DO POVO. **Petit-pavé é a Pedra da Discórdia do Calçamento Curitibano**. Curitiba 2006

Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/petit-pave-e-a-pedra-da-discordia-do-calcamento-curitibano>> Acesso em: Abr. 2017.

GAZETA DO POVO. **Revitalização da Rua 24 Horas**. Curitiba, 2009.
Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/article> Acesso em: Abr. 2017.

GAZETA DO POVO. **Velhas Praças Curitibanas**. Curitiba, 2014.

Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/>> Acesso em: Abr. 2017.

BEM PARANÁ. **Homem é degolado na Praça Rui Barbosa**. Curitiba, 2017.
Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/noticia/500337/homem-e-morto-degolado-em-plena-praca-rui-barbosa-em-curitiba>> Acesso em: Jun. 2017.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo, 2010.

GEHL, Jan. **Life Between Buildings: Using Public Space**. Londres, 1971.

Disponível em: <<http://joss.bartlett.ucl.ac.uk/pdf>> Acesso em: Abr. 2017.

GOMES, P.C. da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Artigo Científico, Rio de Janeiro, 2002.

GROSSO, K. S. de Souza. **Intervenções Urbanísticas como Estratégia para o Desenvolvimento Local e Revalorização da Imagem da Cidade**. São Paulo, 2008.

G1.GLOBO. **Árvore de grande porte cai na Praça Rui Barbosa por causa**

<<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/arvore-de-grande-porte-caiu-na-praca-rui-barbosa-por-causa-da-chuva.ghtml>> Acesso em: Jun. 2017.

G1.GLOBO. **Incêndio atinge matriz da Rua da Cidadania em Curitiba.** Curitiba, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/incendio-atinge-matriz-da-rua-da-cidadania-em-curitiba.ghtml>> Acesso em: Jun. 2017.

IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/01-Centro.pdf>> Acesso em: Mar. 2017.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** São Paulo, 1961.

KRIER, Robert. **Urban Space.** Alemanha, 1975. Disponível em: <<http://robkrier.de/urban-space-engl.php#page-001>> Acesso em: Abr. 2017.

LEI N. 6.766/79, Art.17. CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA.

LYNCH, Kevin. **Almagem da Cidade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

MARICATO, Ermínia. **A Cidade do Pensamento Único.** São Paulo, 2000.

MARX, Murillo. **Cidade Brasileira.** São Paulo: Editora EDUSP, 1980.

MASCARÓ, Juan Luis. **Infra-Estrutura da Paisagem**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/24698749/infra-estrutura-da-paisagem---juam-luis-mascaro>> Acesso em: Abr. 2017.

MASCARÓ, Lúcia. **A Iluminação do Espaço Urbano**. Porto Alegre, 2006.

MOREIRA NETO, Diogo de Figueiredo. **Introdução ao direito ecológico e ao direito urbanístico: instrumentos jurídicos para um futuro melhor**. Rio de Janeiro, 1977.

NL ARCHITECTS. **Basketbar Utrecht**. Holanda, 2003. Disponível em: <<http://www.nlarchitects.nl/>> Acesso em: Abr. 2017.

NOGUEIRA, Maria de Lurdes. **Caracterização dos Espaços Públicos**. Dissertação de Mestrado, São Paulo, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/>> Acesso em: Mar. 2017.

REVISTA ECOLÓGICO. **Cinco Árvores Ideais para Plantar em Calçadas**. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaecologico.com.br/noticia.php?id=2099>> Acesso em: Abri. 2017.

RIVERA DE CASTRO, Luiz Guilherme. **Espaços Públicos e Urbanismo Contemporâneo**. Artigo. FAUUSP, 2007.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras – Public Squares in Brazil**. São Paulo, 2002.

SESP/PR - Secretaria Pública do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.seguranca.pr.gov.br/modules/conteudo/>> Acesso em: Mar. 2017.

SITTE, Camillo. **City Planning According to Artistic Principles**. 1889. Disponível em: <<http://architectureandurbanism/camillo-sitte-city-planning-according.html>> Acesso em Mai. 2017.

SUN, Alex. **Projeto da Praça, Convívio e Exclusão no Espaço Público**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

TRIBUNA DO PARANÁ. **Desde os anos 70, muito mais que uma praça**. Curitiba, 2006.

Disponível em: <http://www.tribunapr.com.br/noticias/parana/desde-os-anos-70s-muito-mais-que-uma-praca/> Acesso em: Mar. 2017.

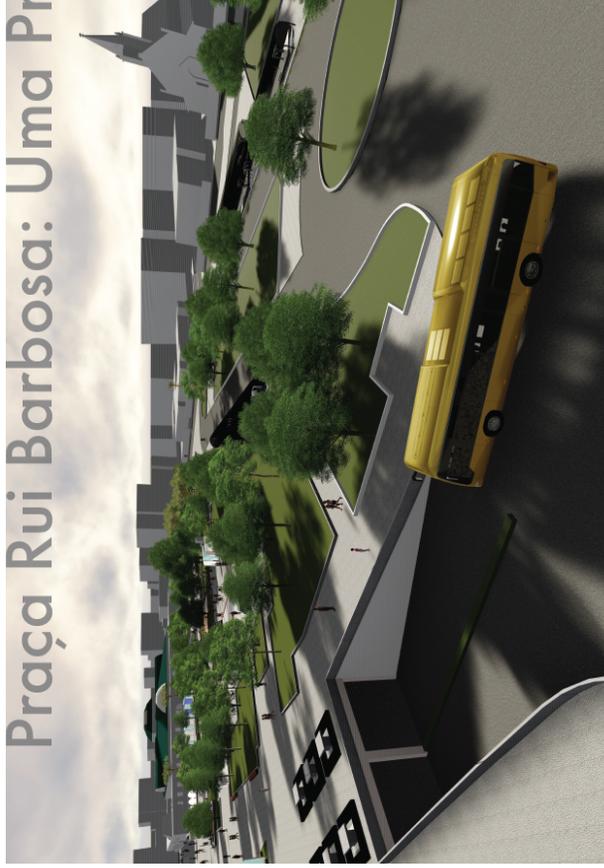
URBS - Urbanização de Curitiba S.A. Disponível em: <<https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/>> Acesso em: Mar. 2017.

VAZ, Lilian Fessler Vaz.; SILVEIRA, Carmen Beatriz. **Áreas Centrais, Projetos Urbanísticos e Vazios Urbanos**. Rio de Janeiro, 1999.

VILAS BOAS, Alice.; CASTRO, Luciana.; MESSIAS, Mário César.; CUNHA, Natália.; CÂMARA, Priscila. **Mapa da Praça Rui Barbosa**. 2015.

APÊNDICE A – PRANCHAS DO PROJETO

Praça Rui Barbosa: Uma Proposta de Modernização

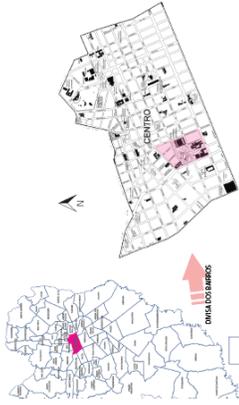


PRACA RUI BARBOSA E SEU ENTORNO

Localização e Características

Praca Rui Barbosa está situada no estuário do Paraná, na cidade de Curitiba no bairro Centro, a 25° 26' 9" da região sul e 49° 16' 24" da região leste, numa área de infra-estrutura urbanizada.

Área é caracterizada por um alto fluxo de pessoas, veículos públicos e privados, por prestação de serviços públicos, atividades econômicas, culturais e sociais amplas. Quanto a sua tipologia arquitetônica, é marcada por edificações de linguagem mista.



CONFIGURAÇÃO DA PRACA RUI BARBOSA



HOSPITAL SANTA CASA

IGREJA SÃO JESUS

XÉRO SÃO JOSÉ

História e evolução dos usos

Praca Rui Barbosa tem passado por inúmeras alterações em sua configuração desde que foi criada, da virada do século XIX para o século XX.

Inicialmente conhecida como "campo do olho d'água dos portugueses", pois na época servia como bica de distribuição de água para a população.



Praca e terreno ainda não ocupado da Praça Rui Barbosa

Fonte: Gazeta do Povo, 2008



Quilada do 4º Regimento de Artilharia no estuário Praça da República

Fonte: Gazeta do Povo, 2008

Mais tarde, após a construção da Santa Casa, a praça ficou conhecida como "campo da cruz das almas". Nesta época, instalou-se um depósito de artigo bélico na área correspondente à rua da cidadania, e o quartel de Corpo Fixo de Cavalaria em 1902.

Após a queda do império em 1913, a praça foi intitulada "Praça da República" e então em 1920, "Praça Rui Barbosa", como uma homenagem póstuma ao jurista Ruy Caetano Barbosa de Oliveira.



Atividades da Praça Rui Barbosa até final dos anos 1950

Fonte: Gazeta do Povo, 2008

Então em 1920, a Praça Rui Barbosa tornou-se um dos locais favoritos para a instalação de exposições, feiras, e até mesmo para entretenimento: circos e parques de diversão.

Algum tempo depois, a praça abrigou o asilo São Luís por quase quarenta anos, e posteriormente a faculdade de medicina da PUC que ali ficou instalada até 1977.

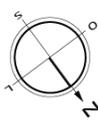
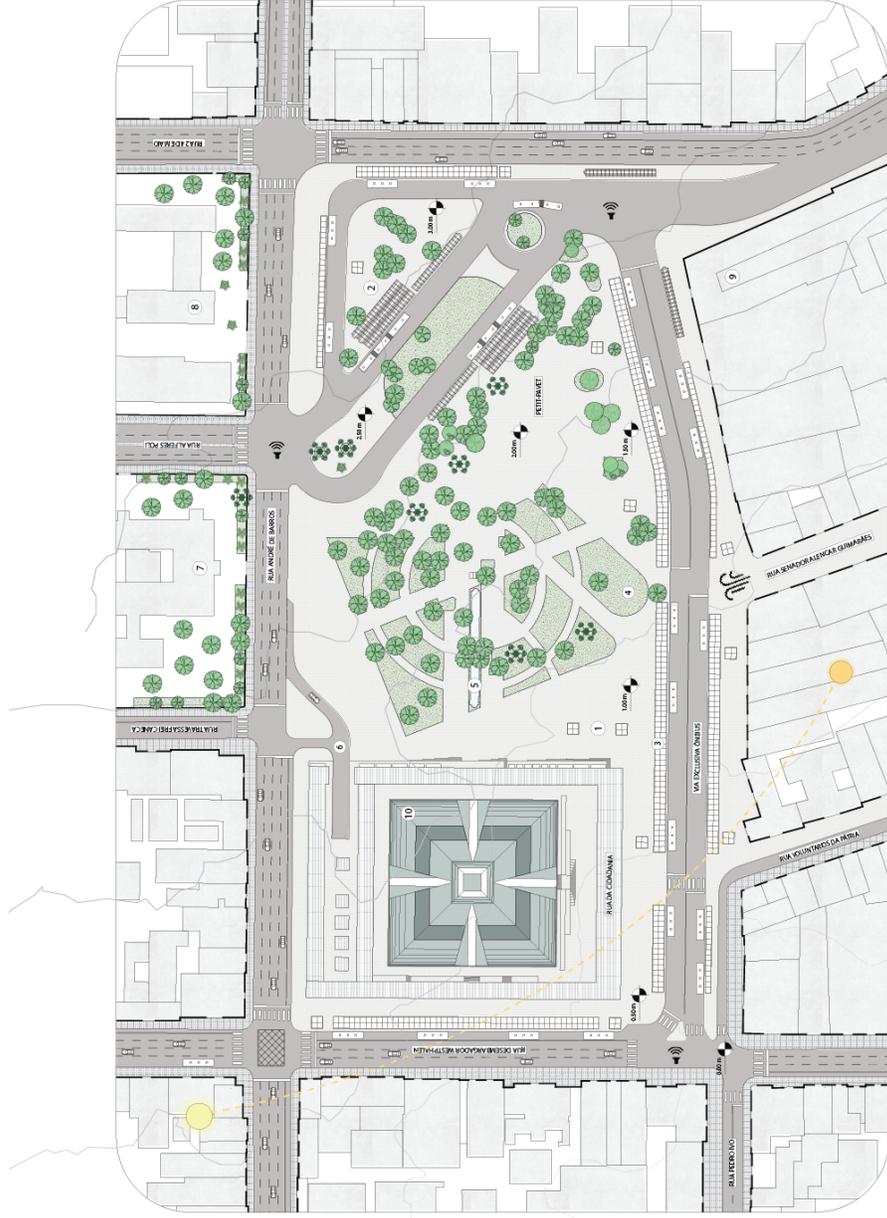


Feiras e comércio ambulante externo nos anos 1980

Fonte: Jornal do Povo Paraná, 2002

Em meados dos anos 80, são projetados os terminais de transporte público e a Rua da Cidadania. Neste período se intensifica a presença de comerciantes ambulantes na área como numa espécie de feira livre.

O convívio com comerciantes locais gerou concorrência, tumulto e dificuldade para a passagem das pessoas (devido a proximidade com os pontos de ônibus), resultando na transferência destes comerciantes para dentro da Rua da Cidadania.

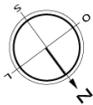


IMPLANTAÇÃO PRACA RUI BARBOSA ANTIGA

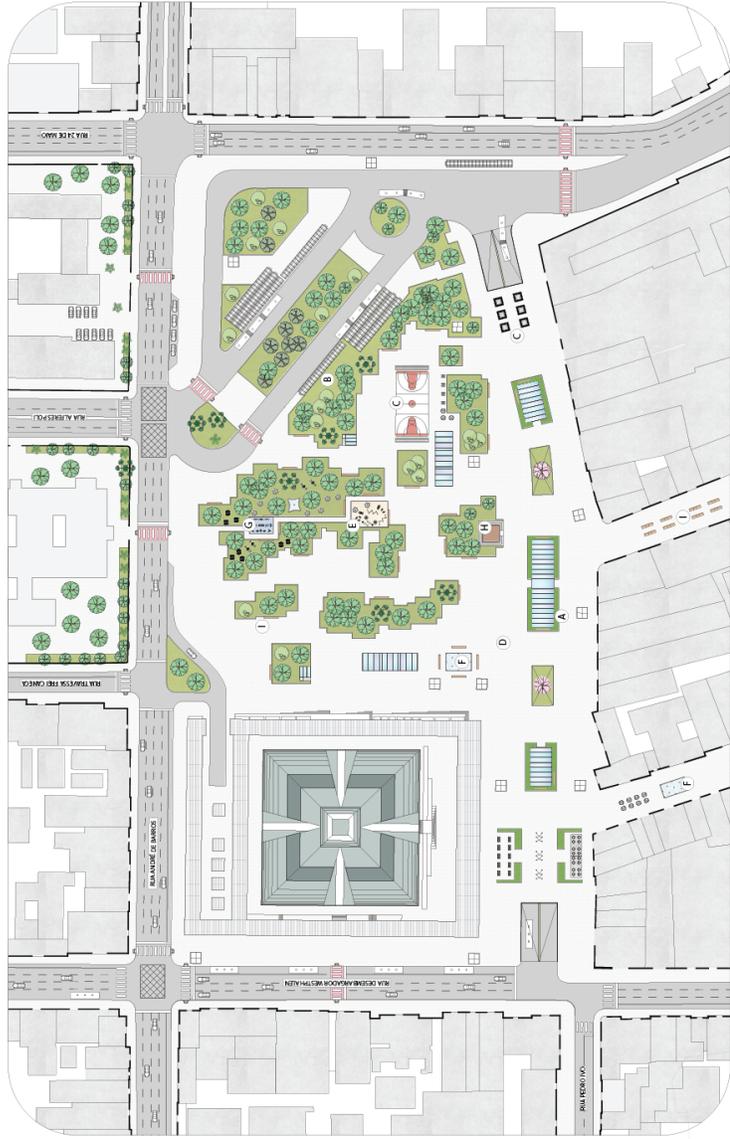
ESCALA 1:1000

LEGENDAS

- 1 BANCAS DE REVISTAS
- 2 ESTAÇÃO TÍBIO
- 3 PONTOS DE ÔNIBUS
- 4 CANTINHOS DE GRAMA
- 5 CHAFARIZ DESATIVADO
- 6 ACESSO ESTACIONAMENTO
- 7 HOSPITAL SANTA CASA DE CURITIBA
- 8 PARÓQUIA SENHOR BOM JESUS DOS PERDÕES
- 9 COLÉGIO SESC SÃO JOSÉ
- 10 MERCADO CENTRAL (RUA DA CIDADANIA)
- ÁRVORES EXISTENTES
- ARBUÇALIBRAS
- RUÍDOS
- VENTOS DOMINANTES

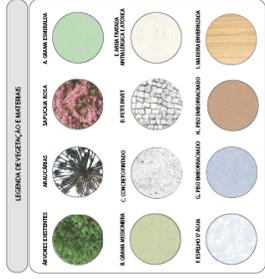
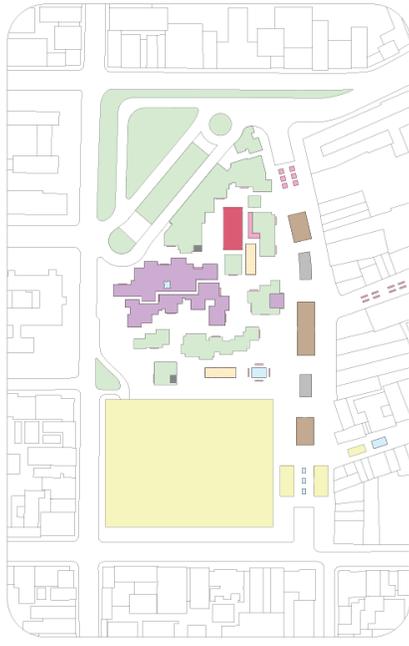


IMPLANTAÇÃO
PRAÇA RUI BARBOSA MODERNIZADA
ESCALA 1:1000



MAPA DE SETORIZAÇÃO
LEGENDA

- ESPAÇO PARA COMÉRCIO
- LAZER E DESCANSO
- ÁREAS ESPORTIVA
- ESPAÇO SOCIAL
- ÁREAS MOLHADAS
- ZENITAS
- ACESSOS DA ESTAÇÃO
- POSTOS DE SEGURANÇA
- CONVÉRGIA E RELAXAMENTO
- ÁREAS VERDES/PRESERVADAS



As vegetações já existentes na praça foram mantidas, são estas: Alfeneiros (Ligustrum vulgare), Pata de Vaca (Bauhinia forficata), Angicos (Pithecellobium), Dendaleiro (Lathyrus pratensis) e a espécie tombada Araucária (Araucaria araucária). Para o entorno da estação de ônibus é proposto a Sapucaia Rosa (Leucynis pisonis) a fim de trazer uma maior vibração e identidade.

Em relação aos materiais, a ideia é de causar um impacto mínimo no espaço pré-existente da praça, sendo por esta razão o pavimento do piso em petli-pavet (que é parte não somente da identidade da Praça Rui Barbosa, mas como também de Curitiba). Para os novos mobiliários e espaços implantados, são adotados materiais honestos como o concreto, areia e a madeira.



Perspectiva demonstrando a área próxima da Rua da Cidadania, com um espaço com esguichos de água para os adultos e crianças se refrescarem e relaxarem nos dias mais quentes.



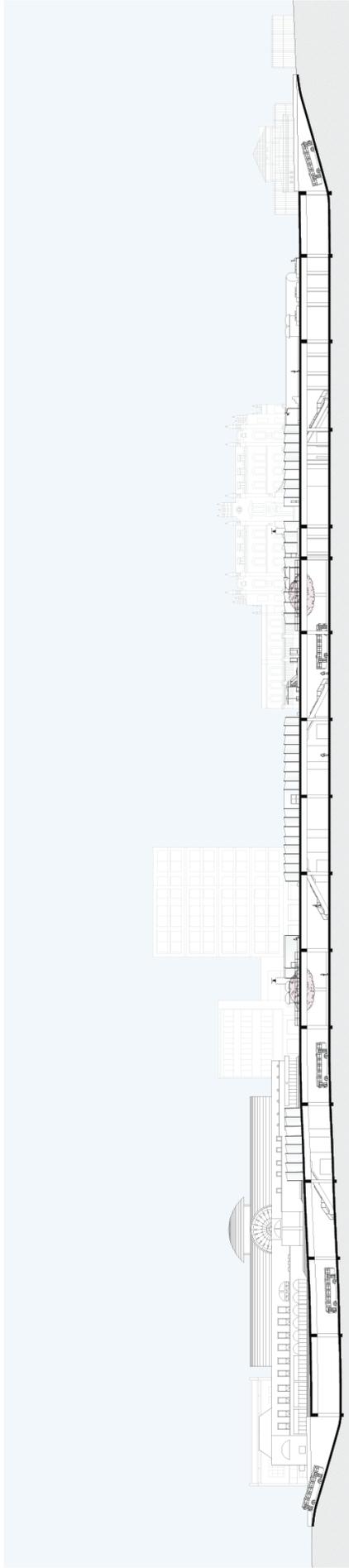
Visão geral da praça englobando todos os seus setores: de lazer e descanso (playground infantil e academia ao ar livre), esportivo (quadra), o social (banheiros públicos e café) e funcional (acessos à estação de ônibus).



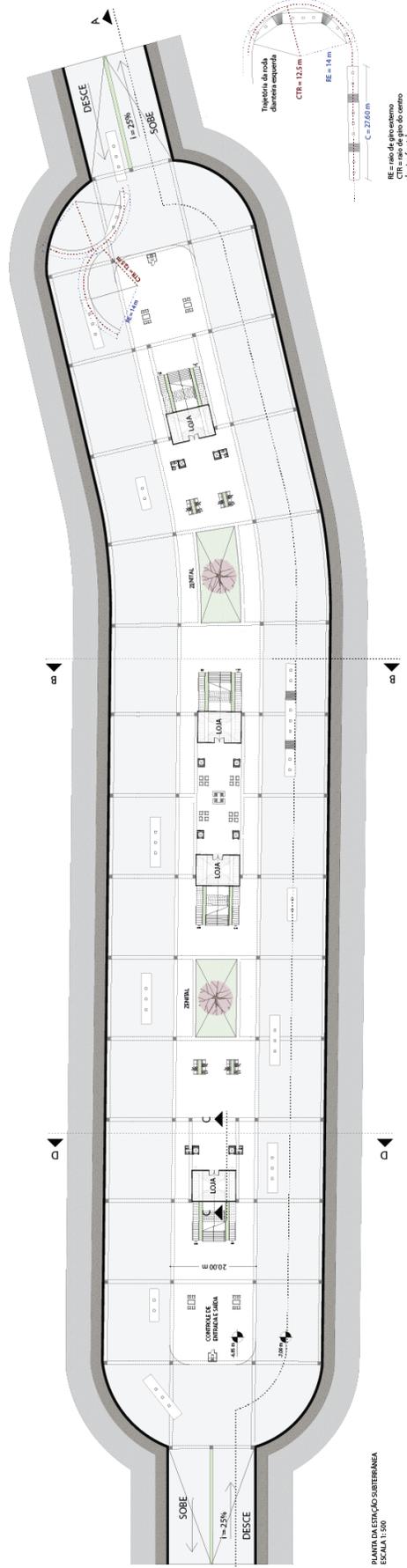
O playground foi pensado como uma área que atende as demandas dos colegiais e escolas primárias das proximidades da Praça Rui Barbosa (Bom Jesus, Colégio São José) trazendo lazer ao público infantil e descanso aos pais, enquanto aguardam pelos ônibus.



Esta área da praça pretende atender ao público em geral, mas em especial aos pais e acompanhantes que utilizam do serviço do hospital da Santa Casa de Curitiba. Enquadrados esperam pelo atendimento, podem usufruir de um espaço calmo, sombreado e relaxante.



CORTE GERAL A-A
ESCALA 1:250

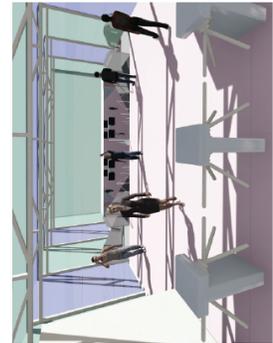


PLANTA DE DISTRIBUIÇÃO SUBTERRÂNEA
ESCALA 1:100

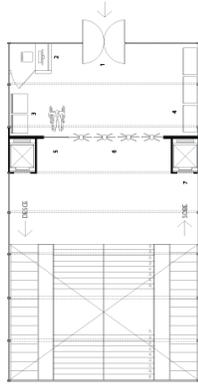
TIPOS DE MATERIAS DA FACADA



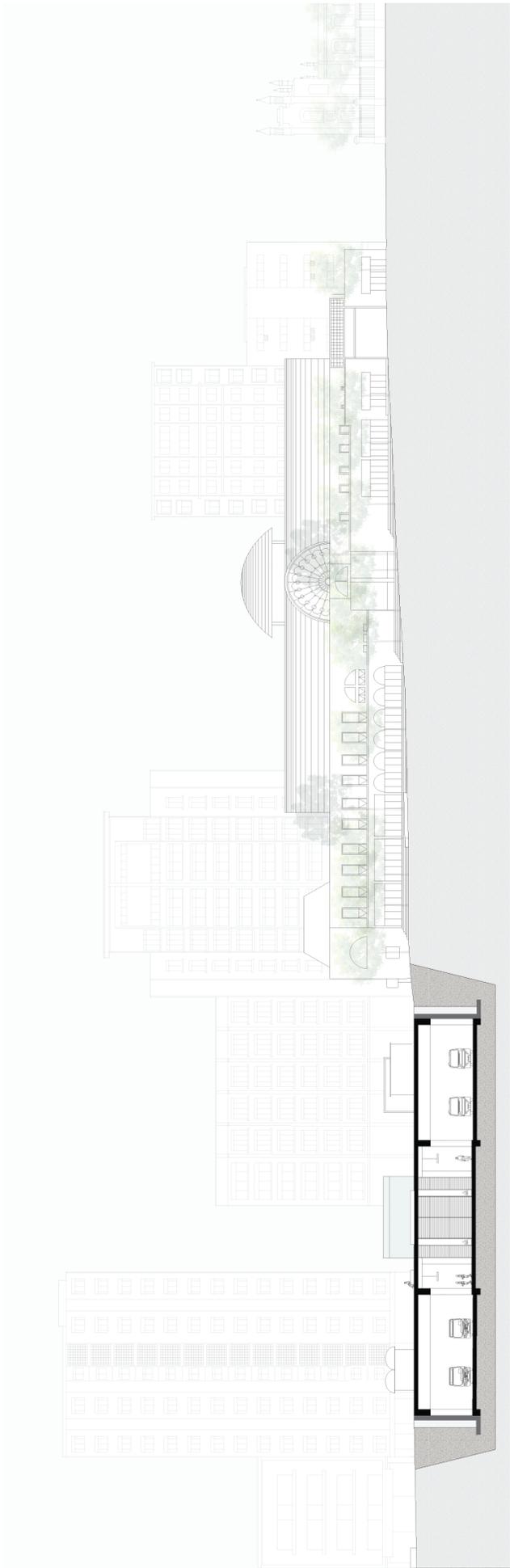
Vedação de fachada em vidro 8 mm do tipo "float glass" com diferentes tonalidades, ruído de impacto e segurança em caso de ruptura no modelo tipo "Spaf" (suportada por elementos horizontais, com selo impermeabilizante).
Ventilação natural, iluminação natural, ventilação e escoamento de água da chuva.



PLANTA DE DISTRIBUIÇÃO SUBTERRÂNEA
ESCALA 1:100



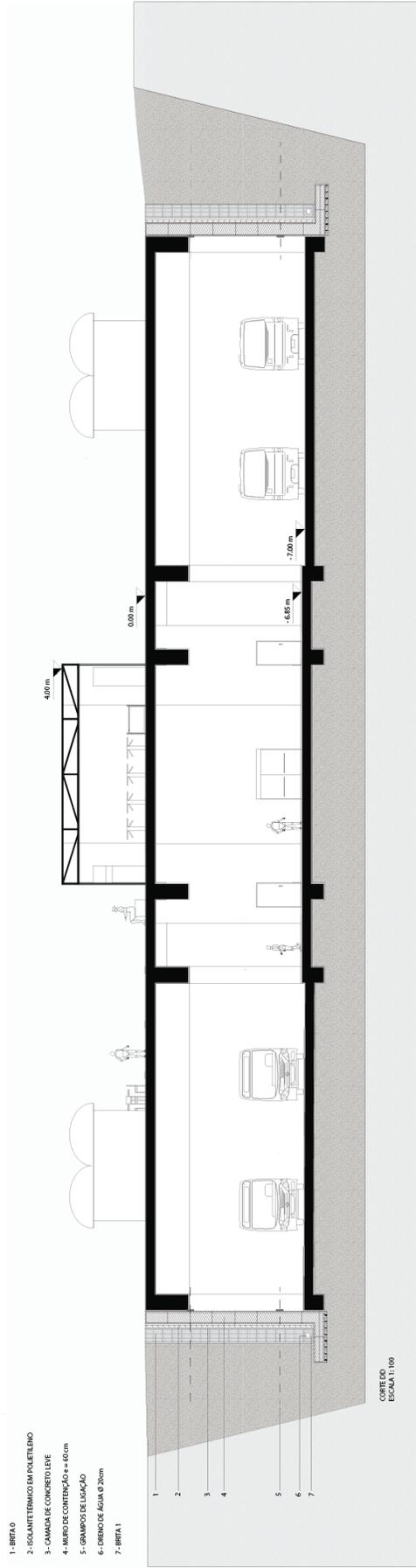
LEGENDA
1. ACESSO
2. ESCALAS
3. INTERCOMUNICAÇÕES
4. SALA DE MÁQUINAS
5. ENTRADA DE ALARME
6. ESTACIONES



CORTE GERAL BR
ESCALA 1:250

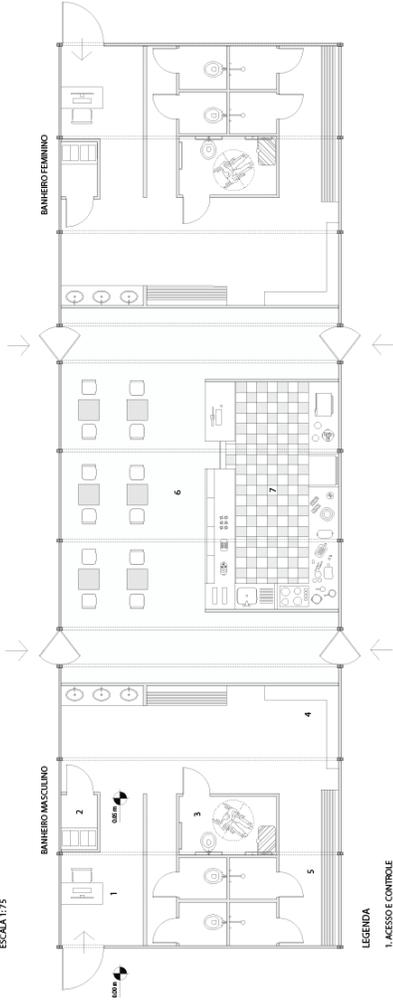
LEGENDA

- 1 - BRISA
- 2 - ISOLANTE TERMICO EM POLIETILENO
- 3 - CAMADA DE CONCRETO LBE
- 4 - MURO DE CONTINÇÃO 50 x 40 cm
- 5 - GRAMPO DE LIGAÇÃO
- 6 - DRENO DE AGUA Ø 20cm
- 7 - BRISA 1



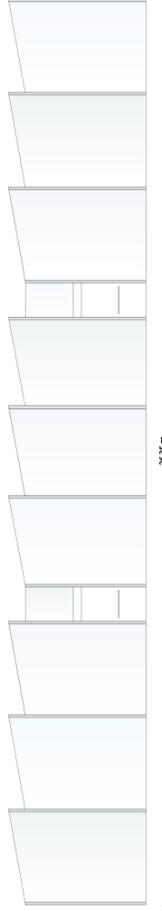
CORTE DO
ESCALA 1:100

PLANTA ELEVACÃO DO BANHEIRO CAÉ
ESCALA 1:25

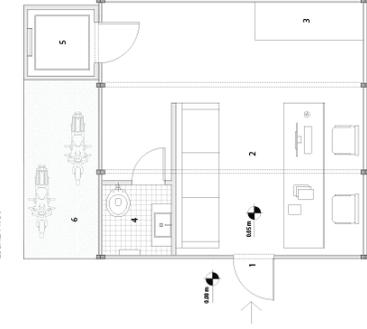


LEGENDA

- 1. ACESSO E CONTROLE
- 2. DEPOSITO
- 3. SANITÁRIO COM DUCHA PNE
- 4. SANITÁRIO (LOCKER ROOM)
- 5. SANITÁRIO
- 6. CAFE
- 7. ESTACAO DE SERVIÇO

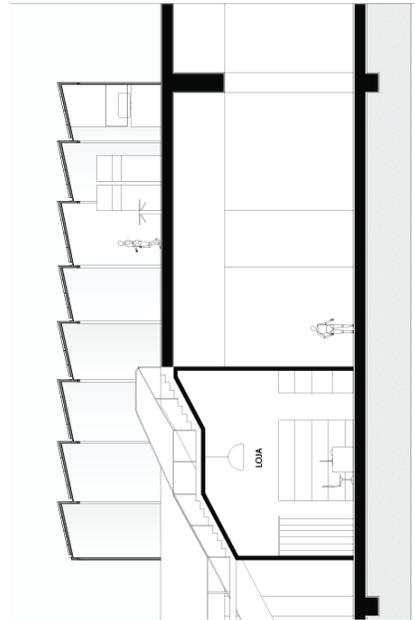
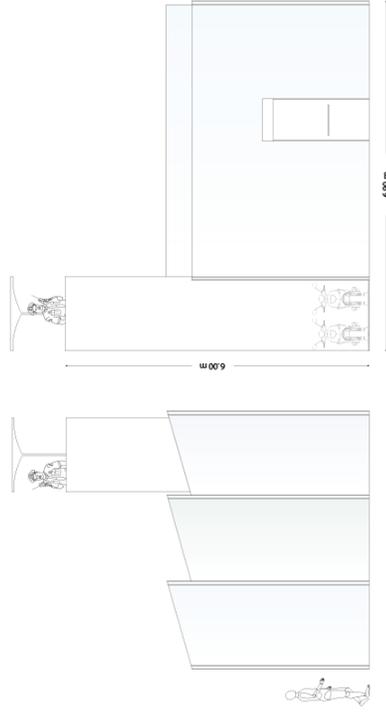


PLANTA ELEVACÃO DO POSTO DE SEGURANÇA
ESCALA 1:25



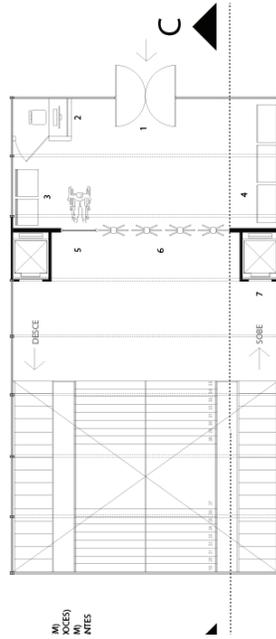
LEGENDA

- 1. ACESSO
- 2. ATENDIMENTO AO PÚBLICO
- 3. ATENDIMENTO AO PÚBLICO (POLÍCIA)
- 4. SANITÁRIO
- 5. TORRE DE OBSERVAÇÃO
- 6. AREA PARA MOTOCICLISTAS



E.C.C.
A.1: 100

ACESSO DA ESTACAO SUBTERRANEA



- M
- W
- M
- NTES

